UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

OS ATLETAS DE ELITE E A DOPAGEM

O caso dos lançadores

Vânia Sofia de Sousa Silva

Coimbra, 2004/2005

Monografia de Licenciatura realizada no âmbito do seminário *Sociologia do Desporto* no ano lectivo de 2004/2005, com vista à obtenção do grau de Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física.

Coordenador: Mestre Salomé Marivoet

Orientação: Mestre Salomé Marivoet

ÍNDICE GERAL

	Pág.
Lista de Anexos	v
Índice de Gráficos	vi
Índice de Quadros	ix
Índice de Tabelas	x
Agradecimentos	xi
Resumo	xii
Introdução	1
Capitulo I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Sociogénese do Desporto de Competição	3
1.1. Desporto de alta competição	4
1.2. Carreiras desportivas	5
2. Ética e Valores do Desporto Moderno	7
3. Doping como uma Prática que Quebra os Valores Desportivos	10
3.1. Desenvolvimento do fenómeno e medidas de controlo	10
3.2. Combate ao doping	11
3.3. A definição de doping	14
3.4. Razões do recurso ao doping	16
4. Problemática em Estudo, Definição do Objectivo e Colocação de Hipóteses	19
Capitulo II – METODOLOGIA	20
1. Variáveis/Indicadores	20
2. Técnicas de Recolha de Informação e Tratamento da Informação	22
2.1. Instrumentos dos dados	22
2.2. Procedimentos	22
2.3. Análise e tratamento de dados	23
3. Universo de Análise	23
Capitulo III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
1. A Auto-representação do Recurso e da Responsabilidade	27

1.1. Consumo e persuasão 27
1.2. Responsabilização 40
1.3. Apontamento conclusivo 42
2. A Auto-representação sobre o *Status-quo* 43
2.1. Razões gerais para o consumo 44
2.2. Sanções 48
2.3. Apontamento conclusivo 52
3. Valores Éticos e Atitudes 53
3.1. Efeitos nocivos para a saúde 53
3.2. Atitudes éticas 56
3.3. Opinião sobre a liberalização versos proibição 59
3.4. Apontamento conclusivo 64

Conclusão 66
Bibliografia 68
Anexos 71

LISTA DE ANEXOS

Pág.

Anexo 1 – Inquérito à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem..... 71

Anexo 2 – Quadros de SPSS..... 78

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Pág.

Gráfico 1 – Caracterização da nacionalidade relativamente à amostra..... 24

Gráfico 2 – Caracterização do sexo..... 25

Gráfico 3 – Caracterização da nacionalidade com o género de competição..... 26

Gráfico 4 – Opinião sobre o consumo de SCD pelos atletas..... 28

Gráfico 5 – Opinião sobre o consumo de SCD pelos atletas, segundo idade e sexo. 29

Gráfico 6 – Opinião sobre o consumo de SCD pelos atletas, segundo habilitações literárias..... 29

Gráfico 7 – Persuasão ao consumo de SCD pelos atletas..... 30

Gráfico 8 – Persuasão ao consumo de SCD pelos atletas..... 31

Gráfico 9 – Persuasão ao consumo de SCD pelos atletas, segundo habilitações literárias..... 31

Gráfico 10 – Conselho de treinador a consumir SCD numa competição onde estaria o controlo anti-doping..... 32

Gráfico 11 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde estaria o controlo anti-doping, segundo idade e sexo..... 32

Gráfico 12 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde estaria o controlo anti-doping..... 33

Gráfico 13 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde estaria o controlo anti-doping, habilitações literárias..... 33

Gráfico 14 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde não estaria o controlo anti-doping, segundo idade e sexo..... 34

Gráfico 15 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde não estaria o controlo anti-doping..... 35

Gráfico 16 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde não estaria o controlo anti-doping, segundo habilitações literárias..... 35

Gráfico 17 – Consumo de SCD devido a pressões dos patrocinadores..... 36

Gráfico 18 – Consumo de SCD devido a pressões dos patrocinadores, segundo idade e sexo..... 36

Gráfico 19 – Consumo de SCD devido a pressões dos patrocinadores..... 37

Gráfico 20 – Consumo de SCD devido a pressões dos patrocinadores, segundo

habilitações literárias..... 37
Gráfico 21 – Consumo de SCD pelos atletas, devido a pressão dos *media*..... 38
Gráfico 22 – Consumo de SCD pelos atletas, devido a pressão dos *media*..... 39
Gráfico 23 – Consumo de SCD pelos atletas, devido a pressão dos *media*, segundo habilitações literárias..... 40
Gráfico 24 – Grau de responsabilização dos atletas que utilizam SCD..... 40
Gráfico 25 – Grau de responsabilização dos atletas que utilizam SCD, segundo idade e sexo..... 41
Gráfico 26 – Grau de responsabilização dos atletas que utilizam SCD..... 41
Gráfico 27 – Razões para o consumo de SCD..... 44
Gráfico 28 – Razões para o consumo de SCD, segundo a idade e sexo..... 45
Gráfico 29 – Razões para o consumo de SCD..... 45
Gráfico 30 – Razões para o consumo de SCD, segundo habilitações literárias..... 46
Gráfico 31 – Poderia ser levado ao consumo de SCD para alcançar uma medalha... 46
Gráfico 32 – Poderia ser levado ao consumo de SCD para alcançar uma medalha, segundo idade e sexo..... 47
Gráfico 33 – Poderia ser levado ao consumo de SCD para alcançar uma medalha... 47
Gráfico 34 – Poderia ser levado ao consumo de SCD para alcançar uma medalha, segundo habilitações literárias..... 48
Gráfico 35 – Sanções advindas dos resultados positivos dos testes..... 48
Gráfico 36 – Sanções advindas dos resultados positivos dos testes, segundo idade e sexo..... 49
Gráfico 37 – Sanções advindas dos resultados positivos dos testes..... 49
Gráfico 38 – Sanções advindas dos resultados positivos dos testes, segundo habilitações literárias..... 50
Gráfico 39 – Sanções constituem limitações à utilização de SCD..... 50
Gráfico 40 – Sanções constituem limitações à utilização de SCD, segundo idade e sexo..... 51
Gráfico 41 – Sanções constituem limitações à utilização de SCD..... 51
Gráfico 42 – Sanções constituem limitações à utilização de SCD, segundo habilitações literárias..... 52
Gráfico 43 – Gravidade para a saúde dos atletas que consomem SCD..... 54
Gráfico 44 – Gravidade para a saúde dos atletas que consomem SCD, segundo

idade e sexo..... 54
Gráfico 45 – Gravidade para a saúde dos atletas que consomem SCD..... 55
Gráfico 46 – Gravidade para a saúde dos atletas que consomem SCD, segundo habilitações literárias..... 55
Gráfico 47 – O consumo de SCD pelos atletas é uma atitude, segundo a idade e sexo..... 56
Gráfico 48 – O consumo de SCD pelos atletas é uma atitude..... 57
Gráfico 49 – O consumo de SCD pelos atletas é uma atitude, segundo habilitações literárias..... 57
Gráfico 50 – Como considera os casos em que os atletas medalhados testam positivo..... 58
Gráfico 51 – Como considera os casos em que os atletas medalhados testam positivo, segundo idade e sexo..... 58
Gráfico 52 – Como considera os casos em que os atletas medalhados testam positivo..... 59
Gráfico 53 – Liberalização do doping colocava o espírito olímpico em causa..... 60
Gráfico 54 – Liberalização do doping colocava o espírito olímpico em causa, segundo idade e sexo..... 60
Gráfico 55 – Liberalização do doping colocava o espírito olímpico em causa..... 61
Gráfico 56 – Liberalização do doping colocava o espírito olímpico em causa, segundo habilitações literárias..... 61
Gráfico 57 – Considera que as SCD deveriam ser proibidas..... 62
Gráfico 58 – Considera que as SCD deveriam ser proibidas, segundo idade e sexo. 62
Gráfico 59 – Considera que as SCD deveriam ser proibidas..... 63
Gráfico 60 – Considera que as SCD deveriam ser proibidas, segundo habilitações literárias..... 63

ÍNDICE DE QUADROS

Pág.

Quadro 1 – Opinião sobre o consumo de SCD pelos atletas..... 79

Quadro 2 – Persuasão ao consumo de SCD pelos atletas..... 79

Quadro 3 – Poderia ser levado a consumir SCD para alcançar uma medalha..... 80

Quadro 4 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde estaria o controlo anti-doping..... 80

Quadro 5 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde não estaria o controlo anti-doping..... 81

Quadro 6 – Grau de responsabilização dos atletas que utilizam SCD..... 81

Quadro 7 – Consumo de SCD devido a pressões dos patrocinadores..... 82

Quadro 8 – Consumo de SCD devido a Pressões dos *media*..... 82

Quadro 9 – Sanções advindas dos resultados positivos..... 83

Quadro 10 – Sanções constituem limitações à utilização de SCD..... 83

Quadro 11 – Razões para o consumo de SCD..... 84

Quadro 12 – O consumo de SCD pelos atletas é uma atitude..... 85

Quadro 13 – Liberalização da dopagem colocaria o espírito olímpico em causa..... 85

Quadro 14 – Considera que as SCD deveriam ser proibidas..... 86

Quadro 15 – Gravidade para a saúde dos atletas que consomem SCD..... 86

Quadro 16 – Como considera os casos em que os atletas medalhados testam positivo..... 87

Quadro 17 – caracterização da amostra relativamente à nacionalidade..... 88

Quadro 18 – Comparação da idade com o tempo de carreira..... 88

ÍNDICE DE TABELAS

Pág.

Tabela 1 – Agrupamento de variáveis e indicadores..... 21

Tabela 2 – Comparação da idade com o tempo de carreira..... 25

Tabela 3 – Opinião sobre o consumo de SCD pelos atletas, segundo idade e sexo... 28

Tabela 4 – Persuasão do consumo de SCD pelos atletas, segundo idade e sexo..... 30

Tabela 5 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde estaria o controlo anti-doping..... 34

Tabela 6 – Consumo de SCD pelos atletas devido a pressões dos *media*, segundo idade e sexo..... 39

Tabela 7 – Grau de responsabilização dos atletas que utilizam SCD, segundo as habilitações literárias..... 42

Tabela 8 – O consumo de SCD pelos atletas é uma atitude..... 56

Tabela 9 – Como considera os casos em que os atletas medalhados testam positivo, segundo as habilitações literárias..... 59

AGRADECIMENTOS

«A coisa mais digna de que se ocupa o homem é a forma humana; é dar a si mesmo uma forma digna e consentânea com a consciência daquilo que pode e deve ser...»

(Goethe)

«Sê quem és!»

(Píntero)

«Não avances mais depressa do que os teus pés possam pisar.»

(Rui Pinto)

Começo por agradecer, à Professora Mestre Salomé Marivoet, por todo o apoio, disponibilidade e compreensão demonstrada na orientação deste estudo.

Quero ainda deixar o meu apreço aos professores que preencheram todo o meu percurso escolar, desde a Escola Primária de A-dos-Pretos, passando pela Escola EB2,3/S de Maceira, à Escola Secundária Domingos Sequeira e finalmente à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Ao meu treinador Paulo Reis, que em quanto treinador devo todo o meu sucesso desportivo, a nível nacional e internacional. Bem como a amizade e apoio demonstrado ao longo de todos estes anos

Em especial, ao Matthieu Garcia, pelo carinho, amor, e fundamental auxílio prestado durante o meu percurso académico. A ele, devo-lhe a minha licenciatura.

A todos os meus colegas e amigos, que nem sempre estando perto fisicamente, me ajudaram na caminhada da vida, à Anabela, à Zeza e a todos os elementos do meu grupo de treino.

Por último, à minha Família, em especial à minha mãe pelo apoio e carinho, fazendo sempre de tudo para que nada me faltasse. E particularmente à Marta, que sendo muito nova, tem me dado bastantes lições para a vida.

A todos, o meu sincero muito Obrigado!

RESUMO

Com esta investigação procurei saber em que medida a dopagem é uma prática corrente entre os atletas de elite. Durante o meu percurso de atleta de alta competição na modalidade de lançamento de martelo, tenho "visto" atletas que aparentam estar dopados, embora com todo o seu clamor ergam a bandeira do seu país em sinal da vitória.

Depois de elaborada a problemática em estudo, com base nos contributos de vários autores, e definido o objecto e as hipóteses de investigação, construímos um inquérito sociográfico decorrente da metodologia desenvolvida. Durante a realização do *Challenger Europeu de Lançamentos*, na Turquia, durante os dias 12 e 13 de Março de 2005, aplicámos os inquéritos sociográficos, tendo obtido a colaboração de 51 atletas de 12 países diferentes, que constituiu a amostra do presente estudo. Os dados obtidos sugerem, que as pressões exercidas pelos vários agentes desportivos junto dos atletas de elite são em parte determinantes no recurso a meios ilícitos com vista ao aumento da performance, ainda que os melhores resultados sejam procurados por todos, e deste modo se tender a desresponsabilizar os atletas que recorrem à dopagem.

As nossas hipóteses foram na sua maioria confirmadas, tendo os resultados obtidos vindo ao encontro dos autores com trabalhos sobre esta problemática. Segundo a opinião dos atletas inquiridos, o uso de substâncias dopantes é muito frequente, embora poucos foram aqueles que nos afirmaram já ter sido persuadidos nesse sentido, assim como o consumo não parte do consentimento dos atletas, e a maioria não colaboraria mesmo em tais actos. Apenas uma pequena parte da nossa amostra, nos afirmou que colaboraria na aceitação do conselho do treinador para o uso de substâncias consideradas dopantes. As razões mais apontadas para o consumo, foram o aumento da performance e vitória, ainda que em outras nos tenham referido o dinheiro e o aumento do estatuto social. As sanções advindas do controlo positivo são mencionadas como justas, embora não constituindo limitação ao seu uso. Também a maioria dos inquiridos considerou que o consumo de substâncias dopantes é nocivo para a saúde dos atletas, e manifestou a sua posição contra a liberalização.

No entanto, ainda que a maioria da nossa amostra seja contrária à dopagem, encontramos uma pequena parcela, que, não só, não considera que existe grande malefício para a saúde advindo do seu consumo, como se manifesta mais favorável à liberalização de algumas substâncias.

Introdução

INTRODUÇÃO

O desporto e a dopagem desde muito cedo se viram ligados no alcance de grandes performances nas mais diversas modalidades, tendo o fenómeno vindo a ser sobejamente estudado nas suas diversas perspectivas, tanto fisiológica como sociologicamente. Sendo nesta última que irá recair a nossa atenção.

De quatro em quatro anos tem-se vindo a repetir o facto de mais uns Jogos Olímpicos terem passado, e mais atletas terem sido apanhados. Mas o que será, que os leva a consumirem estas substâncias consideradas dopantes? O desporto ao mais alto nível tem vindo à assistir a mais interesses que certamente estarão nas razões de os atletas transgredirem certos limites.

Este tema acarreta enormes controvérsias e é bastante problemático devido à sua complicada detecção, isto porque, a realização do controlo anti-doping é muito cara, e ainda não é totalmente eficiente, havendo sempre meios que mascaram o seu uso, e que estarão certamente um passo à frente sobre aqueles que tentam competir lealmente.

Como se pode comprovar, mais uma vez com os Jogos Olímpicos de Atenas 2004, muitos dos medalhados foram desmascarados, alguns fugiram ao controlo, e outros não permitiram a sua realização, donde será de se perguntar quantos é que não foram descobertos, tanto mais que alguns deles, aparentam se dopar devido a determinados traços físicos?

Mas como é que os atletas juram verdade desportiva na cerimónia de abertura quando sabem que estão dopados?

Ninguém sabe ao certo a quantidade de doping instalado no desporto neste momento, nem uma exacta incidência, nem uma séria estimativa pode ser providenciada.

A escolha deste tema, está-me intimamente ligado, isto porque sou atleta de alta competição e participei nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 na modalidade do lançamento de martelo, e embora não concordando, posso perceber, o motivo que leva os atletas a consumirem substâncias dopantes.

Portanto, com este trabalho, pretendo, através de um estudo de caso que reúne as opiniões e práticas de um conjunto vasto de atletas Olímpicos de lançamentos, saber em que medida o doping é uma prática corrente entre os atletas de elite.

O trabalho está organizado em três capítulos, o primeiro refere-se ao enquadramento teórico, em que mencionamos a sociogénese do desporto, a ética e

valores do desporto moderno, a dopagem como uma prática que quebra valores desportivos, e finalmente, a problemática do estudo, definição do objecto e a colocação de hipóteses. No segundo capítulo, identificámos a metodologia, organizada pelas variáveis/indicadores, pelas técnicas de recolha de informação e tratamento de dados, e pelo universo de análise. Segue-se a análise e discussão dos resultados no terceiro capítulo, focando a auto-representação do recurso e da responsabilidade, a auto-representação sobre o status-quo e os valores. Por último, as conclusões dos resultados e algumas sugestões para futuros estudos.

Enquadramento Teórico

CAPÍTULO I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Sociogénese do Desporto

Muitos dos tipos de desportos que hoje são praticados por todo o mundo com forma mais ou menos idêntica, tiveram origem em Inglaterra. O termo *sport* também foi largamente adoptado por outros países, bem como um termo genérico para o *soccer*, para a corrida de cavalos, para a luta, o boxe, o ténis, a caça à raposa, o remo, o críquete e o para o atletismo. Um comentador alemão escreveu em 1936:

> Como bem sabemos, a Inglaterra foi o berço e a «mãe» devota do desporto... Parece que os termos que se referem a este campo se tornaram propriedade comum de todas as nações, da mesma maneira que os termos técnicos italianos no campo da música. É raro, provavelmente, que uma peça de cultura tenha migrado com tão poucas mudanças de um país para o outro.
>
> (Ap. Elias, 1992: 188)

O «desporto» como dado social, mostrou-se uma palavra estranha nos outros países, dado não existirem semelhantes práticas. Um aristocrata escritor alemão em 1810, dizia que *sport* é tão intraduzível como *gentleman*. Em 1844, outro autor alemão, escreveu, a respeito do termo *sport*, que «não temos palavra para isso e somos quase forçados a introduzir o termo na nossa língua». Gradualmente adquiriu ímpeto em conjunto com o crescimento das próprias actividades desportivas (Elias, 1992). Os passatempos que dominavam com o sentido do termo *sport*, em Inglaterra na primeira metade do século XIX, propagaram-se para outros países, tendo sido adoptado pelas correspondentes *elites* sociais antes de os tipos mais populares (como o futebol), se desenvolverem com as características de um *sport*, antes mesmo de estes serem compreendidos como tal na própria Inglaterra e de se propagarem, sob essa forma, a outros países como um passatempo de grupos de classe média e dos trabalhadores.

Para compreendermos o desenvolvimento das sociedades europeias, tal como para se compreender o próprio desporto, é muito significativo que os primeiros tipos de desportos ingleses adoptados por outros países tenham sido as corridas de cavalos, o pugilismo, a caça à raposa, assim como outros passatempos semelhantes, e que a difusão de jogos de bola, como o futebol e ténis, e do desporto em geral, no sentido

mais contemporâneo, tenha começado somente na segunda parte do século XIX (Elias, 1992).

A transformação dos polimorfos jogos populares ingleses em futebol assume o carácter de um desenvolvimento bastante vinculado no sentido de maior regulamentação e uniformidade. Esta culminou na codificação do jogo, a um nível nacional, mais ou menos em 1863 (Elias, 1985).

Sem considerar brevemente o problema de conhecer se, na realidade, as competições de jogos da antiga Grécia possuíam as características daquilo que agora consideramos como desporto, é difícil clarificar a questão de saber se o tipo de competições de jogos que se desenvolveram durante os séculos XVIII e XIX, em Inglaterra, sob o nome de desporto, e que desde aí se propagaram a outros países, era alguma coisa relativamente nova, ou se se trataria do reaparecimento de alguma coisa antiga que, sem explicação, estivesse desaparecida. O termo desporto é utilizado no presente de uma maneira bastante vaga, de forma a abranger confrontos de competições de numerosos géneros.

> Os primeiros registos históricos de atletismo são os de jogos Olímpicos gregos (800 ª C.)... proibidos pelo imperador Teodósio no ano de 349 d. C. A história do atletismo, entre a queda de Roma, no século V, e os séculos XIX, é bastante imprecisa. Na Idade Média, os festivais religiosos eram acompanhados por rudes jogos de bola entre cidades rivais ou corporações. Estes foram os percursores dos grandes espectáculos desportivos do século XX: soccer, basebol, ténis, futebol, etc. O advento da revolução industrial, em meados do século XVIII, e a posterior introdução dos desportos como uma actividade extracurricular regular das escolas públicas, por Thomas Arnold (1830), proporcionaram um avanço que conduziu ao grande desenvolvimento do desporto durante a época vitoriana da Inglaterra. A coroar o renascimento do século XIX estava a restauração dos Jogos Olímpicos em Atenas, no ano de 1896. Assim que o século XX surgiu, o interesse por todos os desportos de competição atingiu o cume e, apesar de duas guerras mundiais e de numerosas hostilidades menores, este interesse continua a aumentar.
>
> (Elias, 1992: 193)

1.1. Desporto de alta competição

O desporto de alta competição é entendido segundo José Teotónio Lima, como uma “matriz cultural de perspectiva sistémica de forma a enquadrar a carreira desportiva dos atletas de alto rendimento num percurso humanizado, criador de valores,

conhecimentos, métodos e tecnologias, susceptíveis de serem referências úteis e de acarretar influências positivas e concretas no processo nacional de democratização desportiva e de desenvolvimento social" (Lima, 2002: 9-36).

Este terá sido, o entendimento do Estado subjacente a toda a legislação que, desde 1981, procurou criar condições sociais favoráveis à institucionalização da carreira dos atletas, que, no seio do Movimento Associativo Federado, passaram a poder apresentar candidaturas à atribuição do estatuto de atletas de alta competição.

Assim, a preparação de um atleta de alta competição, corresponde a um processo que assegura um controlo rigoroso sobre todos os parâmetros que influenciam o rendimento, e uma permanente preocupação de salvaguardar os interesses do atleta, que tem um regime de vida com elevadas exigências, sendo indispensável defende-lo de "agressões diversas", de modo a permitir um clima de estabilidade e confiança.

1.2. Carreiras desportivas

Um praticante desportivo para se "transformar" num atleta de alto rendimento, tem de ser integrado num processo de treino e de prestação competitiva que muitas vezes não é compatível com as actividades profissionais e sociais próprias do cidadão comum.

Um atleta de alto rendimento é aquele, que nas prestações competitivas da sua modalidade, individuais ou colectivas, realizadas em eventos internacionais – Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais, Campeonatos Europeus, Torneios de Qualificação e outros de idêntico nível – alcança marcas, resultados ou classificações que lhe asseguram uma participação efectiva nas finais desses mesmos eventos (Lima, 2002).

Para ser um atleta de alta competição é necessário assumir uma dedicação exclusiva e um regime de vida, em que, tem de contar com a total disponibilidade e assunção dos mais diversos sacrifícios para as actividades de treino e de participação competitiva, em dano da vida académica, profissional e familiar, e contar com diversas formas de apoio social e financeiro, entendidas como condições que asseguram uma qualidade de vida susceptível de proporcionar segurança e tranquilidade, indispensáveis a um empenhamento competitivo total.

Esta devoção exclusiva, assenta num treino desportivo fundamental à dinâmica do processo de preparação dos atletas de alto rendimento, proporcionando uma melhoria progressiva das capacidades e das qualidades exigidas pela prestação competitiva

realizada ao nível mais elevado dos esforços que caracterizam o modelo superior das práticas inerentes ao desporto de alta competição.

O desporto de alta competição constitui a última etapa de uma prática desportiva que corresponde às necessidades de desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Segundo Olímpio Bento:

> À personalização dos seus interpretes, à superação nas acções, à tensão, ao dramatismo, à dinâmica e ao ritmo das realizações, à correcção das relações, ao longo caminho da exercitação do treino, à alegria da competência, à qualidade e à estática das formas, à procura de elevados ritmos, ao empenhamentos nos objectivos, à vontade e à disponibilidade para o esforço.
>
> (Ap. Lima, 1992: 34)

Os valores socioculturais orientadores para o envolvimento em práticas de carreiras desportivas, é manifestada pela hipótese teórica de que estes se expressam em interesses diferenciados, e que se manifestam em investimentos igualmente diferenciados no capital desportivo, podendo concorrer em maior ou menor grau para o êxito na carreira desportiva. A estruturação destes valores decorre das relações que se estabelecem ao nível dos valores presentes nos diferentes espaços sociais onde os atletas se inserem, em especial, a família, socialmente estratificada, a escola, os amigos e o clube desportivo, tendo presente as sociabilidades aí dinamizadas.

Partindo deste pressuposto, como refere Salomé Marivoet (1997), os envolvimentos em carreiras desportivas advêm de interesses decorrentes de sistemas valorativos diferenciados, e que os investimentos produzidos no capital desportivo de cada individuo, traduzem a sua lógica de envolvimento, ao mesmo tempo que decorrem dos valores dominantes nos espaços sociais onde os atletas se movem, das suas condições de classe, e ainda, das expectativas percepcionadas pelos atletas por parte dos "outros" e a importância dada às mesmas.

Segundo esta autora, os investimentos no capital desportivo por parte dos jovens atletas comportam três dimensões: corporal, social e económica.

A dimensão corporal foi estudada através das componentes: técnica, concretização de performances desportivas, expressão gestual e destreza física, e ainda, saúde, condição e bem-estar físico.

Na dimensão social Marivoet identifica as componentes: prestigio advindo das performances obtidas, distinção e afirmação através da prática desportiva, e por último, a expectativa face à mobilidade social ascendente no êxito da carreira.

A dimensão económica, foi equacionada ao nível das componentes: expectativas de profissionalização desportiva através do espectáculo, e financiamento da prática desportiva.

A distinção e afirmação social consequentes dos envolvimentos em práticas desportivas inseridas em quadros competitivos, onde se encontra uma população jovem, e se exige muito empenho, parece sugerir sobretudo a identificação destes com uma sub-cultura desportiva.

Marivoet (1997), conclui que o predomínio de desportistas nas redes de sociabilidade onde se inserem os atletas, quer se trate de amigos da escola, do clube ou do local de residência, assim como, a presença de jovens com origens sociais heterogéneas nas diferentes práticas e modalidades, sugere que o desporto constitui um interesse partilhado e potenciador de relações sociais.

2. Ética e Valores do Desporto Moderno

O desporto é uma actividade humana que assenta em valores sociais, educativos e culturais essenciais. Constitui um factor de inserção, de participação na vida social, de tolerância, de aceitação das diferenças e de respeito pelas regras[1].

Os valores de cultura física expressos nas sociedades são diversificados, embora se encontrem supremacias entre eles, de acordo com os diferentes momentos históricos e as especificidades das mesmas. Deste modo, os valores da cultura física que aumentam os níveis de performance, veiculados pelo trivialmente designado “desporto de competição”, surgiram com a própria sociogénese do Desporto Moderno, num momento histórico em que se afirmavam os valores da sociedade industrial da Modernidade.

Todas as virtualidades formativas do desporto expressas na sua ética derivam da concepção utópica da própria sociedade industrial. Na base da igualdade de

[1] Declaração de Nice, Conclusão da Presidência, Conselho Europeu de Nice, (7,8 e 9 de Dezembro de 2000), Anexo IV – Declaração relativa às características específicas do desporto e à sua função social na Europa, a tomar em consideração ao executar as politicas comuns.

oportunidades, em que ganhe o melhor, naturalmente o que mais trabalhou para alcançar a vitória (Marivoet, 1998).

Afirma ainda Marivoet que, nem a sociedade comporta idênticas oportunidades para todos, nem a competição desportiva encerra igualdade de oportunidades, onde, ganhar o melhor, começou desde cedo a significar ter mais recursos para investir nos treinos, nas equipas técnicas, nas infra-estruturas, dando o amadorismo lugar ao profissionalismo.

Foram os Colégios e Universidades inglesas que mais contributos começaram por dar à transmissão dos valores do Desporto Moderno, que acabaram por abandonar os quadros competitivos ao nível de diferentes modalidades, devido ao facto de ser impossível competir em igualdade com os atletas que profissionalmente desenvolviam a sua actividade nos clubes (Dunning, 2002).

Assim, falar de ética no desporto, significa reflectir acerca dos valores orientadores da acção, dos ideais que presidem à acção desportiva. Os princípios éticos do Desporto Moderno assentam na igualdade de oportunidades face a uma competição baseada na confrontação-cooperação, onde se imprime um código de lealdade de uns para com os outros, e o reconhecimento de instâncias normativas e disciplinares que fiscalizam e regulam os quadros competitivos (Marivoet, 1998).

O amadorismo, como ideal olímpico constitui uma terminante garantia da igualdade de circunstâncias entre os atletas. O ideal desportivo na sua génese é precisamente a igualdade de oportunidades, baseada no desinteresse para além da competição em si mesma, defende que ganhe o melhor, o que tem maior capacidade e que mais trabalhou para alcançar a vitória. Todos estes valores, estes ideais, fazem do espaço desportivo uma escola de virtudes, de preparação para a vida, de formação de uma moral de respeito pela dignidade de uns para com os outros.

A este propósito, será importante referir que o Comité Olímpico Internacional (COI) menciona que: considerando que o uso de substâncias dopantes no desporto tanto é maléfico para a saúde como anti-ético, é necessário proteger física e psicologicamente a saúde dos atletas, os valores do fair-play, a competição, a integridade, a unidade do desporto, e os direitos daqueles que fazem parte de qualquer nível...

Hoje em dia, segundo Lipovetsky (1994), o desporto de massas é essencialmente uma actividade dominada pela procura do prazer, do dinamismo energético, da experiência de si próprio. Depois do desporto disciplinar e moralista, terá surgido o desporto de lazer, o desporto de saúde e o desporto desafio, esperando-se da prática

desportiva de sensações e equilíbrio íntimo, a valorização individual e a evasão, já não sendo a virtude que legitima o desporto, mas sim a emoção corporal, o prazer, a forma física e psicológica. Segundo este autor, o desporto tornou-se um dos emblemas mais significativos da cultura individualista narcísica centrada no êxtase do corpo. Como refere:

> Todavia, os laços entre a moralidade e desporto não se romperam, voltaram a surgir hoje em dia, no momento em que os jovens dos meios desfavorecidos inflamam os seus bairros. Se o desporto já não é reconhecido como um veículo de moralidade superior, é visto, contudo, como um meio de valorização individual e de inserção social que permite jugular as violências colectivas.
>
> (Lipovetsky, 1994:129)

O autor Gilles Lipovetsky, refere ainda que o desporto se perverteu: livre de toda e qualquer visão ideal ou transcendente, não sendo mais do que uma saga da excelência, um dos maiores suspanses da cultura de massas. Afirma ainda que, o espectáculo puro dita a lei, e já se levantam vozes que não hesitam em propor a alteração das regras do futebol, a anulação do «fora-de-jogo», o aumento da área do terreno de jogo e das balizas, a fim de melhorar o carácter espectacular das competições. A aprendizagem dos valores já não será assim, o que mais convém, o que é dado ver através do desporto e das suas manifestações é o *show* das vedetas e a rivalidade entre clubes e nações. Como refere:

> Depois da era das pedagogias morais, eis o tempo do desporto de uso político; depois da época heróica desinteressada, eis o tempo dos grandes patrocínios, das estrelas que se compram e se vedem a preço de ouro. O momento pós-moralista do desporto coincide como o culto hiperbólico do espectáculo, com as estratégias de comunicação das marcas, com a personalização e a profissionalização dos campeões.
>
> (Lipovetsky, 1994: 133)

A popularidade do desporto dever-se-ia ao facto de ele permitir classificar os indivíduos uns em relação aos outros numa base justa, rigorosamente igualitária e meritocrática: o vencedor, com efeito, deve o lugar que ocupa aos seus próprios esforços, não ao seu nascimento ou à sua fortuna, ele é um *self-made-man* que reconcilia a contradição moderna entre a igualdade de princípios e a desigualdade de

facto das nossas sociedades. No desporto, reina a justiça na competição; ele constitui uma prova de verdade onde os campeões, para lá da raça e da classe de origem, se defrontam com armas iguais, onde nada é um dado adquirido, onde o melhor é aquele que mostra a sua supremacia por via das suas capacidades. Um ideal ético, uma paixão pela igualdade democrática estaria também na origem da nossa devoção pela competição desportiva (Lipovetsky, 1994).

O desporto não nos excita enquanto aspecto da ética igualitária democrática, mas sim enquanto espectáculo que nos dá a imagem daquilo que, precisamente, ultrapassa as nossas capacidades comuns: a sua força reside no fascínio da excepcionalidade corporal tornada possível por via da competição. Não são a justiça meritocrática e a paixão igualitária a estar no centro do poder do acontecimento desportivo, mas sim a sedução da performance atlética e a estética do desafio corporal. Ele mostra-mos menos um processo de classificação justa entre iguais do que um universo reconciliador entre estilo e força, táctico e poderoso, em que se enfrentam e ultrapassam limites (Lipovetsky, 1994).

Será de referir que o lema Olímpico *Citius*, *Altius* e *Fortius* exorta o desportista a voar em direcção à perfeição, seguindo o rumo da harmonia entre a natureza e a cultura, como afirma Jorge Bento (2002).

3. Doping como uma Prática que Quebra os Valores Desportivos

3.1. Desenvolvimento do fenómeno e medidas de controlo

A história do doping está intimamente relacionada com a história do desporto, mais propriamente no desporto de competição, sendo aqui que existem evidentes constatações do uso e abuso das substâncias dopantes para melhorar o rendimento desportivo.

Para o ser humano existem múltiplas sensações capazes de provocar as mais díspares sensações, como é a alegria, tristeza e a angústia. Mas há uma em especial que chega inclusivamente a torturar, como é a luta pela superação dos próprios limites ou a superação das barreiras pré-estabelecidas. As que se referem ao rendimento do corpo mesmo aquelas que o seu limite ou barreira é muito acima das suas possibilidades

normais, legam portanto a utilização de tudo aquilo que conduza a realizar para obter o objectivo.

Isto é o que tem acontecido através da história e assim continuará a acontecer no futuro, sendo daqui o que hoje é conhecido como dopagem[2]. Como vários autores têm vindo a referir, ao longo de toda a história, a maioria das civilizações têm feito uso e abuso de poções mágicas, misturas, alimentos maravilhosos, derivados e combinados terapêuticos. Tudo era válido para ser superior e pouco importava o como. Já nas narrações infantis, o Popeye come espinafres para adquirir uma musculatura instantânea e Asterix bebe a poção mágica do caldeirão quando necessita de uma força suplementar. O problema surge quando a fantasia é substituída pela realidade.

Remontando à bastante tempo atrás, encontramos referência do uso de substâncias dopantes para melhorar o rendimento. Para o tema que vem sido falado poder-se-ia citar centenas de civilizações dos mais díspares lugares. Segundo Rodrigues Bueno, na mitologia nórdica, descreve-se que os guerreiros Bersekers por métodos extremos, aumentavam doze vezes a força para o combate. Este aumento importante da força era devido à utilização a longo prazo da "Amanita muscaria", o qual contem um alcalóide denominado muscarina, capaz de provocar através da sua administração uma certa embriagues delirante, esta estimulação produz-se ao nível do parassimpático (Gordillo, 2000: 22).

Importante também é a cultura chinesa relativamente ao consumo de determinadas substâncias. À 3000 anos a. C. há registo de um imperador que mastigava ramas de "*Ephedra*", a conhecida droga amarela, planta que contem um estimulante adrenérgico (Gordillo, 2000: 23). Este quadro verificava-se porque o imperador nunca podia nem devia estar cansado para poder-se entregar de forma total ao estado, era obrigado a manter-se desperto permanentemente durante todo o dia.

3.2. Combate à dopagem

Segundo Gilles Lipovetsky, a ideia de moral individual não desapareceu completamente: "o doping é mentira e deslealdade, impede a igualdade das oportunidades dos adversários, dopar não é um atitude desportiva. Mas estes deveres de

[2] O termo inglês doping, é utilizado por vários autores estrangeiros, assim este, vai ser por nós mencionada de dopagem (termo português).

rectidão são pouco sublinhados comparativamente à dimensão dos gritos de alarme que denunciam os efeitos nocivos ou mortíferos dos produtos dopantes" (1994: 137)

Na era do dever, como refere o autor, os atletas em falta são, acima de tudo, vítimas, "a torpeza não reside tanto no desrespeito dos deveres de cada um para consigo próprio (lealdade, auto-preservação) como nas pressões exercidas com vista à obtenção de medalhas e de recordes, no calvário da ingestão quotidiana de anabolizantes, no sistema hiper-competitivo e nas suas fábricas de campeões. Nestas condições, a luta anti-doping não pode contentar-se com apelos vibrantes à razão moral, ela exige a multiplicação dos testes, controlos e sanções disciplinares. O eclipse da ética desportiva da abnegação e a profissionalização do desporto abriram caminho a dois movimentos antagónicos: por um lado, a escalada do doping, a transposição das barreiras, a sobre exaltação produtivista; do outro lado, a reactivação da deontologia desportiva e a intensificação da vigilância sobre os corpos" (Lipovetsky, 1994: 138).

Mais do que nunca, os deveres de cada um para consigo próprio estão enfraquecidos, mas ao mesmo tempo, impõe-se a legitimidade social do controlo científico dos corpos com vista à segurança das pessoas; as idealizações moralizantes perderam o vigor, mas aumenta a exigência de inspeccionar e de regulamentar minuciosamente as actividades atléticas.

Porém, muitas das vezes os controlos médicos, via politica e federativa, estão também embutidos no enredo do doping com vista ao alcance de vitórias para o enaltecimento do país; portanto, quanto a nós, terá de existir por parte de qualquer organismo, a lealdade desportiva para um eficaz combate ao doping.

José Gomes Pereira afirma que, "sem querer ser sensacionalista, poderei dizer que nos dias de hoje não existem atletas insuspeitos". Isto porque existe a crença entre atletas, técnicos e demais agentes envolvidos no fenómeno desportivo, para os quais os feitos atléticos supra-normais, como sejam elevadas prestações tipo recordes do mundo, não se conseguem unicamente com treino rígido e sistemático – preparação física resultante do treino, dependem também da "preparação farmacológica" (1998: 183).

A procura de responsáveis e de infractores apesar de imprescindível e também louvável não se tem mostrado se todo satisfatória. Assim como para muitos outros problemas sociais, a identificação de potenciais soluções não é, por certo a tarefa mais difícil. A dificultada situa-se, no nosso ponto de vista, na concordância e implementação de acções continuadas que, no caso vertente se equacionam a três níveis. Sendo o

primeiro a legalização, seguido pela interdição e consequente vigilância e repressão com objectivo punidos e dissuadores e por último temos a educação.

A legalização tem como objectivo a liberalização do uso das substâncias dopantes, para que haja uma completa igualdade de oportunidades. Porém esta solução em nada contribuiria para as condições de igualdade dos atletas, pois à que ter em conta as características físicas de cada um, por outro lado tal suposição iria contra a ideia do Espírito Olímpico, donde apenas poderá ser admitida como hipótese meramente académica e pouca aceitável termos práticos. Como é referido por Gomes Pereira (1998) sobre um estudo realizado sobre atletas de alto nível, onde lhes foi perguntado se tomariam uma substância que lhes permitisse obter um recorde do mundo, ainda que soubessem que isso acarretaria danos para a sua saúde e encurtaria a vida. A maioria tomava a substância. Para quem conhece o desporto de competição, este tipo de revelação não espanta. O cerne da questão coloca-se não na interdição ou legalização, mas sim nas pressões que sobre o atleta se exercem.

Quanto à interdição e consequente vigilância e repressão com objectivos punitivos e dissuadores é inegável o esforço humano e tecnológico que tem sido posto ao dispor do combate à dopagem. Infractores existirão sempre, pois estes procedimentos não são suficientes para o combate à dopagem. Não obstante do conceito de dopagem, o COI baseia-se fundamentalmente em dois pontos: o primeiro narra a interdição de determinadas substâncias farmacológicas e o segundo descreve a interdição dos métodos de dopagem. Após o 1º Colóquio Europeu do Doping, resultou a seguinte definição: “a utilização de substâncias e de todos os meios destinados a aumentar artificialmente o rendimento com vista a uma competição desportiva e que podem ser prejudiciais à ética desportiva e à integridade física e psíquica do atleta” (Ap. Gomes Pereira, 1998: 185)

A evocação dos malefícios para a saúde, resultantes do uso de substâncias dopantes não se tem revelado suficientemente eficaz, contudo e correndo o risco de conotação com uma corrente incluída de sentimentalismo e portadora de razoável dose de fantasia, acreditamos que o conceito de dopagem poderá estar para além dos eventuais malefícios, embora estes também devam obviamente ser considerados, nomeadamente no âmbito médico. No que concerne a esta ordem de ideias podemos enunciar o conceito de dopagem da seguinte forma:

> Todo e qualquer meio que objective o aumento artificial do desempenho desportivo e contrarie as regras técnicas e éticas estabelecidas para o acompanhamento médico-desportivo, ainda que possam não acarretar, à luz dos conhecimentos científicos actuais, evidentes prejuízos para a integridade física e psíquica do atleta.
>
> (Gomes Pereira, 1998: 185)

Por último, a educação afirma que na realidade, os educadores encontram-se convenientemente apetrechados, particularmente no âmbito científico, sobre os efeitos pestilentos dos factores, para um estado de saúde e de bem-estar. A sociedade cada vez mais aceita e reconhece a necessidade da adopção de um estilo de vida saudável. No entanto no desporto, paradoxalmente, os problemas relacionados com a dopagem parecem não preocupar a sociedade. Pois o que está em causa é o magnifico desempenho atlético, preferindo ignorar assim os motivos e os meios que eventualmente poderão estar por detrás dessa performance.

De forma optimista, queremos acreditar que este panorama no futuro será diferente, para melhor obviamente, isto depende de nós, e do desporto que formos capazes de construir.

3.3. A definição de dopagem

A definição de Doping ou Dopagem desde sempre tem sido uma questão difícil, muitas definições têm surgido, tendo, quase todas um significado semelhante. Por esse motivo vou retirar definições a vários autores, em que nenhuma delas é considerada universal. Segundo Dumas:

> Todas as definições sobre o doping apresentam lacunas e reflectem algumas divergências: uma definição precisa não é absolutamente verdadeira. O importante é compreender o problema. Não nos podemos conformar com o conceito daqueles que se dopam e que sabem muito bem o que procuram em semelhante pratica: (Uma melhor preparação, um melhor rendimento, uma recuperação mais rápida) graças a meios artificiais, mais ou menos eficazes e por vezes perigosos.
>
> (Ap. Gordillo, 2000: 29)

Ainda segundo Dumas, tudo isto conduz a definir a dopagem de uma maneira cruel: “O doping é realmente um cancro do desporto; um cancro que chegou a

contaminar os meios estudantis e que poderia chegar a fazer grandes estragos nos meios fabris, se algum director lhe ocorresse exigir o aumento artificial do rendimento" (Ap. Gordillo, 2000: 24).

A palavra "Doping" é um anglicismo que apareceu pela primeira vez, segundo o professor Demole, em 1889 na guerra norte-americana, advindo de um dicionário inglês, no qual referia à: "Mistura de ópio e narcóticos administrada aos cavalos", que significa "Estimulação ilícita para os cavalos durante a corrida" (Gordillo, 2000: 30).

Como se pode verificar a palavra "Doping" não era no princípio uma questão apenas desportiva, mas estava, sim, relacionada a um largo historial de outras actividades com origens múltiplas.

Apesar de um nascimento precoce, segundo Moliner, é a partir de 1933 que a palavra doping é aceite a nível internacional. Assim a definição que se poderia encontrar nos dicionários, antes de ser aceite pela Real Academia Espanhola de doping, era: "o uso de determinados fármacos para aumentar o rendimento físico" (Ap. Gordillo, 2000: 31).

Etimologicamente a palavra doping apresenta várias teorias. Assim, segundo alguns autores, relacionavam-na com a língua inglesa "Dope", palavra que significa "pasta, liquido espesso ou gordo, utilizado como um lubrificante ou óleo alimentar" (Ap. Gordillo, 2000: 31). Outros, pelo contrário, consideravam que a palavra "Doping" derivava do dialecto Kafir, que era falado por indígenas do sudeste de África que atribuía à palavra "dop" o significado de: "licor forte, que era bebido como estimulante durante os cultos ou cerimónias religiosas segundo a aprovação de Kafa". (Ap. Gordillo, 2000: 31).

Segundo Rodriguez Bueno, a teoria mais recente é aquela que tenta relacionar o termo "Doping" com a DOPA (3,4-dihidroxifenilalamina), que é um aminoácido monoaminocarboxílico, formado pela oxidação da tirosina em reacção catalizada pela tirosinasa. Estava assim criada a relação do "Doping" com a Dopamina (3,4-dihidroxifenilalamina), que é uma catecolamina da molécula supra-renal com actividade biológica em certos tecidos, em que é produto final da actividade metabólica, sendo incluída nas substâncias denominadas de neurotransmissores (Ap. Gordillo, 2000: 32).

Tudo isto levou a um ajustamento da definição. O professor Paul André Chailley-Bert que em 1949, definiu que o doping é: "todo o uso de substâncias ou de práticas estimulantes que exageram momentaneamente o rendimento de um individuo" (Ap. Gordillo, 2000: 32). Assim, ano após ano mais definições foram surgindo.

Actualmente a definição de dopagem presente na "Convenção Europeia contra a Dopagem no Desporto", adoptado na legislação nacional (Dec. – Lei n.º 105/90 de 23 de Março), e também adoptada pelo COI, é, "Dopagem é o uso de qualquer medicamento ou produto que contenha substâncias indicadas na lista de substâncias proibidas" (Horta, s.d.:10).

3.4. Razões do Recurso à Dopagem

As razões encontradas para o mais alto envolvimento e preocupação pública com a dopagem são as seguintes, o aumento da performance através de produtos dopantes, começa a ser bem conhecido, como também o reconhecimento entre os atletas e o que deles advém; num momento em que é nas pequenas diferenças que se encontra a diferença, o uso de substâncias dopantes para aumentar a performance é um justificativo para a vitória; a oferta de material desportivo cresceu exponencialmente para alguns atletas, em particular para os atletas profissionais, que encetaram a poder competir nos Jogos Olímpicos onde começaram a ser altamente comercializados; produtos farmacêuticos começaram a ficar disponíveis em grande escala, e parece que a indústria farmacêutica e respectivos laboratórios iniciaram o desenvolvimento de produtos cada vez mais refinados; a vitória não é somente para o atleta, mas também para o clube, para a nação onde o atleta pertence; com o aumento das quantias monetárias a ser ganhas pelas organizações desportivas e pelos atletas desprovidos das suas remunerações têm interesse em rectificar a sua situação e procurar os meios ilícitos. (Luschen, 2000).

Existem essencialmente dois argumentos teóricos que explicam o surgimento da dopagem em larga escala na sociedade moderna e no desporto. Temos a teoria de Durkheim's (1893) que se refere, como sendo um reflexo discrepantes das normas na sociedade; e a teoria de Merton's (1968) que se refere, como sendo um resultado de grandes exigências, motivações e recompensas nos atletas de elite que testariam os limites da performance e isso sugeria o uso de meios ilegais (Ap. Luschen, 2000)

Segundo a teoria de Albert K. Cohen (1955), pode-se entende-la como uma questão de subculturas. Este autor encontra na observação de rapazes delinquentes que também existe uma aparente relação com a classe social. Consequentemente, o autor pretende saber como se poderia explicar no caso da dopagem, porque é que membros das classes sociais baixas seriam naturalmente mais facilmente atraídos à procura do sucesso através de meios ilegais (Ap. Luschen, 2000).

Segundo Schneider and Butcher (1994), existem quatro grupos de argumentos genericamente propostos para justificar o abandono de substâncias dopantes do desporto. Todos eles têm algum mérito, mas individualmente não são suficientes para a dopagem ser banida. Sendo os seguintes: a "batota e injustiça" – os defensores deste argumento reclamam que a dopagem deveria ser banida porque é batota, e a batota é errada e coisas erradas deveriam ser banidas. Mas poderá haver outro argumento alternativo à definição de batota é a noção de vantagem injusta. A ideia de justiça está relacionada à obediência das regras – um acção é injusta se é contra as regras. O "malefício" – a segunda categoria de argumentos mais citada para justificar o abandono da dopagem é por ser maléfica. Existindo quatro tipos de argumentos que defendem esta ideia: malefício para o utilizadores, malefício para os atletas que competem limpos, malefício para a sociedade e malefício para a comunidade desportiva. A "perversão desporto" – a dopagem deveria ser banida porque é anti-ético da verdadeira natureza do desporto. Embora para Schneider e Butcher (1994), a dopagem não é necessariamente anti-ética para o desporto, mas preferencialmente irrelevante. Ser "anti-natura" e "desumano" – relativamente a este argumento, a dopagem deveria ser banida porque não é natural e antes desumano. No que diz respeito ao primeiro (ser algo "anti-natura"), várias são as críticas que lhe são dirigidas; em primeiro lugar não está bem definido o que é ou não natural (ex: as sapatilhas de bicos não são algo de natural e nem por isso são proibidas), em segundo lugar esta não é uma definição consistente na medida em que métodos que manipulam substâncias naturais (como as hormonas) já listam dos aspectos a banir. Quanto ao fundamento baseado na crítica à desumanização este é, da mesma forma, um tanto incompleto na medida em que é nos difícil definir o que é "humano", já que a dopagem psicológica não é uma prática condenável e dopagem sanguíneo já o é (Ap. Coakley e Dunning, 2000).

Schneider e Butcher (1994), questionam o porquê, dos atletas não deverem querer dopar-se. Referindo assim, alguns aspectos importantes. Pelo prazer pelo desporto – os desportos são actividades que potenciam a oportunidade de adquirir e demonstrar competências. Cada desporto cria uma "aptidão" específica. O prazer pelo desporto advém dos aspectos positivos que lhe são intrínsecos. Por este motivo a dopagem é vista aqui como irrelevante. Pela irrelevância da dopagem – o que torna o desporto interessante e uma mais valia é a oportunidade de atingirmos um nível de mestria nas nossas destrezas, podendo demonstrá-lo numa competição diante de adversários em igualdade de circunstâncias. A dopagem não ajuda à aquisição e

apuramento das competências mas sim apenas proporciona uma vantagem competitiva em relação aqueles que não recorrem a meios ilícitos. Pela prudência no desporto e evitamento de riscos desnecessários – se a dopagem é irrelevante para o desporto e se este não aumenta as nossas capacidades, é fácil perceber porque é que os atletas preferem evitá-la. Mesmo sendo os riscos considerados mínimos ou a probabilidade dos seus malefícios reduzida, a garantia de que alguns atletas não se dopam porá em causa a intenção de outros o fazerem. Pela natureza auto-destrutiva da dopagem – o maior efeito corrosivo da dopagem diz respeito ao facto de acreditarmos que os nossos adversários se dopam, o que nos poderá compelir a recorrer a substâncias dopantes. A dopagem é apenas uma vantagem em termos de vitória, caso nos dopemos e os nossos adversários não. A vantagem é perdida quando todos se dopam (Ap. Coakley e Dunning, 2000).

Os mesmos autores mencionam que, estes quatro argumentos mostram porque é que os atletas não deveriam optar por se doparem. Para além disto, também estes apontam para um método de evitar a invasão da privacidade causada pela imposição de sanções. Se os atletas desejam competições "limpas", como nós acreditamos que o queiram, também terá que ser assegurado que estas competições são justas e que não são tiradas quaisquer tipos de vantagens dos seus adversários (Ap. Coakley e Dunning, 2000).

A comunidade deveria apoiar a prática de desportos "limpos", pelo facto da dopagem não promover os aspectos positivos e internos do desporto (aquisição de um nível de mestria no desempenho desportivo), poderemos prevenir os seus efeitos coercivos banindo-a.

4. Problemática do Estudo, Definição do Objectivo e Colocação de Hipóteses

A conquista do sucesso sem dúvida mexe com o espírito dos atletas, fazendo com que estes recorram a meios ilícitos para alcançarem a vitória. Bette and Schimank (1995) numa análise da teoria de Luhmann, identificaram antes de mais a estrutura dos desportos de elite como a condição primária onde a dopagem impera, eles referenciam o código ilimitado da vitória como sendo influenciado politica, comercial e pormenorizadamente social.

A dopagem é considerada um comportamento ilícito e desviante na medida em que não se baseia na igualdade de oportunidade dos competidores quebrando os valores e normas da COI e em particular da sociedade. As regras da COI estabeleceram a dopagem como um comportamento desviante e não há conhecimento de federações desportivas que aceitem a dopagem como própria e interna ao leque da normalidade (Merode, 1996).

Como referimos anteriormente, pretendemos com a presente investigação saber em que medida a dopagem é uma prática corrente entre os atletas de elite. Definindo como objecto de estudo que, *as pressões exercidas pelos vários agentes desportivos junto dos atletas de elite são determinantes no recurso a meios ilícitos com vista ao aumento da performance, ainda que os melhores resultados sejam procurados por todos, e deste modo tenderem a desresponsabilizar os atletas que recorrem à dopagem*.

Deste modo consideramos que, segundo a opinião da maioria dos atletas de elite dos lançamentos, a decisão do uso de substâncias dopantes, não partiria na maior parte dos casos do consentimento dos atletas, ainda que a maioria destes pudesse colaborar sem imposição, em especial os atletas com menores habilitações literárias e independentemente da idade e do sexo (H1). Consideramos ainda que os atletas consideram que as razões para o uso de substâncias dopantes são determinantes pela procura da vitória e se são favoráveis às sanções aplicadas, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade (H2). Por último, os atletas consideram a dopagem nociva à saúde, e assim sendo, se manifestam uma opinião contrária à liberalização do consumo, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

M etodologia

CAPÍTULO II
METODOLOGIA

1. Variáveis/Indicadores

Para a verificação das nossas hipóteses definiu-se em primeiro lugar, as variáveis que nos possibilitaram testar a validade das mesmas. Para o efeito foi ainda necessário desassociar as variáveis em indicadores afim de podermos elaborar o inquérito por questionário que serviu de base à nossa investigação.

Os estudos sobre o doping como já referido são controversos e bastante complicados por mexer com a personalidade de cada atleta, o meio envolvente e as pressões sofridas. Por esta razão definimos como variáveis a auto-representação do percurso (a prática corrente, o recurso pontual e os medalhados), a auto-representação da personalidade tendo como indicadores os dirigentes, a equipa médica, os atletas, os patrocínios e os media; e a variável da auto-representação sobre o *status-quo* referindo-se aos indicadores do controlo anti-doping, as inibições no recurso, as sanções e os resultados nas competições.

Contudo analisamos ainda como variável os valores relativos à liberalização, à proibição, às excepções e aos efeitos nocivos para a saúde.

Por último, a variável do perfil dos atletas foi analisado quanto à idade, ao tempo de carreira, ao sexo e às habilitações literárias.

Assim é possível observar na tabela 1 como as variáveis e respectivos indicadores foram reagrupados, em primeiro lugar na “Dopagem”, em segundo lugar na “Ética do Desporto” e por último na “Perfil dos Atletas”.

Tabela 1 – Agrupamento das variáveis e indicadores

DIMENSÕES	VARIÁVEIS	INDICADORES
Dopagem	Auto-representação do recurso	Prática corrente Recurso pontual Medalhados
	Auto-representação da responsabilidade	Dirigentes Equipa médica Atletas Patrocínios *Media*
	Auto-representação sobre o status-quo	Controlo anti-dopagem Inibições no recurso Sanções Resultados nas competições
Ética do Desporto	Valores	Liberalização Proibição Excepções Efeitos nocivos para a saúde
Perfil dos Atletas	Idade	
	Tempo de Carreira	
	Sexo	Masculino Feminino
	Habilitações Literárias	Até ao secundário Licenciatura

2. Técnicas de Recolha de Informação e Tratamento da Informação

2.1. Instrumentos de medida

Para a realização deste estudo foi utilizado um questionário com 24 perguntas divididas em três grupos que agrupa toda a informação relativa às variáveis e indicadores, e que se intitula de «Inquérito à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem». Na primeira parte do questionário faz-se referência à dopagem, seguida da ética no desporto e para finalizar o perfil dos atletas.

As respostas foram codificadas, sendo algumas de escolha múltipla (o inquirido selecciona as que corresponderem à sua situação), enquanto que outras questões são de resposta única. Utilizou-se o inquérito por questionário, por se tratar de uma técnica quantitativa que permite retirar as devidas conclusões de uma forma objectiva dada a caracterização prévia dos comportamentos, ainda que sendo interessante poder-se contemplar as reacções dos inqueridos às respostas, podendo este facto ser encarado como uma das limitações no nosso estudo.

Assim utilizei este instrumento por permitir com rigor compreender as hipóteses de estudo no universo que seleccionei encontrando-se um exemplar no Anexo 1.

2.2. Procedimentos

O passo mais importante para aplicação do questionário foi definir e localizar os indivíduos da população alvo que tivessem as condições que pretendia para integrar a amostra.

Desta forma, o primeiro passo foi contactar a Federação Portuguesa de Atletismo para lhes informar sobre o seminário e que pretendia aplicar os questionários na *Challenger Europeu de Lançamentos.*

Chegando à Turquia, pais em que decorreu o *Challenger*, deparei com a verdadeira complexidade do tema em estudo. A primeira e única selecção em que pedi autorização a um dos directores alemães para poder entregar os questionários aos atletas, respondeu que não estava interessado... Então decidi ir ter com os atletas individualmente e estes respondiam ao questionário.

A aplicação do questionário seguiu determinadas normas, isto é, foi inicialmente referido o objecto do estudo e a instituição em que decorreu, assim como a sua confidencialidade e o modo como este poderia ser preenchido, para que as dificuldades que pudessem surgir na sua aplicação fossem reduzidas, pois estava perante atletas de diferentes nacionalidades que poderia eventualmente possuir algumas dificuldades na leitura. Foi também realizado um pré-teste a dez atletas federados, de modo a averiguar a compreensão do questionário.

2.3. Análise e tratamento dos dados

Os dados obtidos através da aplicação do questionário sobre o Doping e os Atletas de Elite, foram tratados em computador coma ajuda de software específico para o efeito, o programa SPSS 10.0 for Windows versão Copyright 2002 SPSS, Inc.

Foram elaborados quadros de apuramento, de forma a agrupar toda a informação relativa aos inquéritos, encontrando-se toda esta informação no Anexo 2. Posteriormente, estes quadros serviram de base à criação de tabelas e gráficos que nos permitiram retirar as informações necessárias e que serão apresentados no próximo capítulo.

No que diz respeito ao tratamento estatístico utilizamos a estatística descritiva, na qual apresentaremos o cálculo dos vários parâmetros estatístico descritivo de modo a organizar e analisar os dados relativos à amostra, recorrendo às tabelas de frequência e respectivos valores percentuais para as variáveis em escala nominal.

3. Universo de Análise

Para a realização deste estudo, utilizamos uma amostra dos atletas que participaram no Challenger Europeu de Lançamentos, realizada na Turquia, mais propriamente em Mersin, nos dias 12 e 13 de Março de 2005.

Nesta competição participaram 193 atletas de toda a Europa, dos quais apenas 51 atletas responderam e entregaram o questionário.

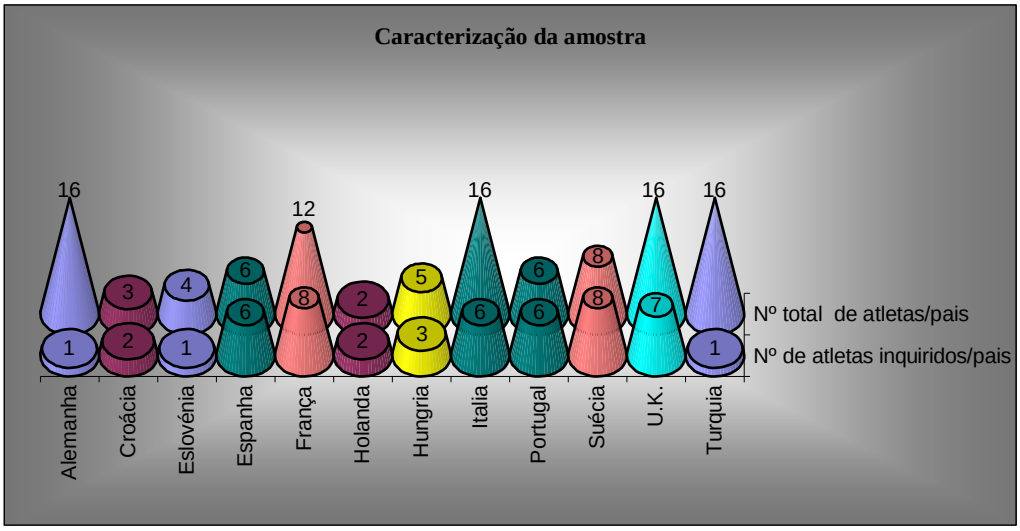
Como tínhamos objectivos precisos, definimos as características da nacionalidade e comparamos a idade com os anos de carreira, utilizando para isso, a amostra estratificada de acordo com os inquéritos recebidos, não sendo assim

representativa da população total que participou nesta competição, por não ter recolhido a devida proporção dos atletas de cada país presentes na competição. Haverá a acrescentar que este aspecto se trata de uma das limitações deste estudo, e por isso, que o entendemos como um estudo exploratório.

A amostra é constituída por 51 atletas de 12 países diferentes, 26 do sexo feminino e 25 do sexo masculino.

A amostra da nacionalidade é constituída, como referi anteriormente, por 12 países, dos quais 51 de 110 atletas responderam e entregaram os questionários. De 16 atletas Alemães e Turcos apenas 1 de cada país respondeu ao questionário; de 3 atletas Croatas responderam 2, de 4 atletas Eslovenos apenas 1 respondeu; relativamente a Espanha, Holanda, Portugal e Suécia obtivemos a totalidade dos inquéritos inicialmente distribuídos; de França adquirimos 8 dos 12 entregues; aquando da Hungria, de 5 foi-nos respondido a 3; para Itália cedi 16 mas entregaram 6; e finalmente para a U.K. recebemos 7 de 16 distribuídos.

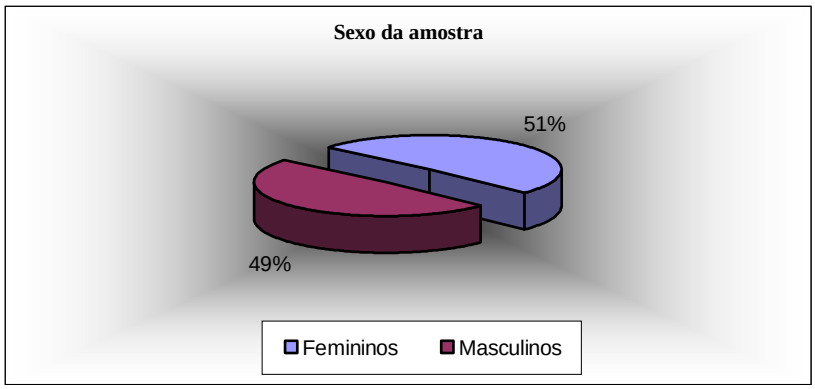
Gráfico 1 – Caracterização da Nacionalidade relativamente à amostra



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como se pode verificar a amostra é definida por 25 atletas do sexo masculino e 26 do sexo feminino.

Gráfico 2 – Caracterização do Sexo



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

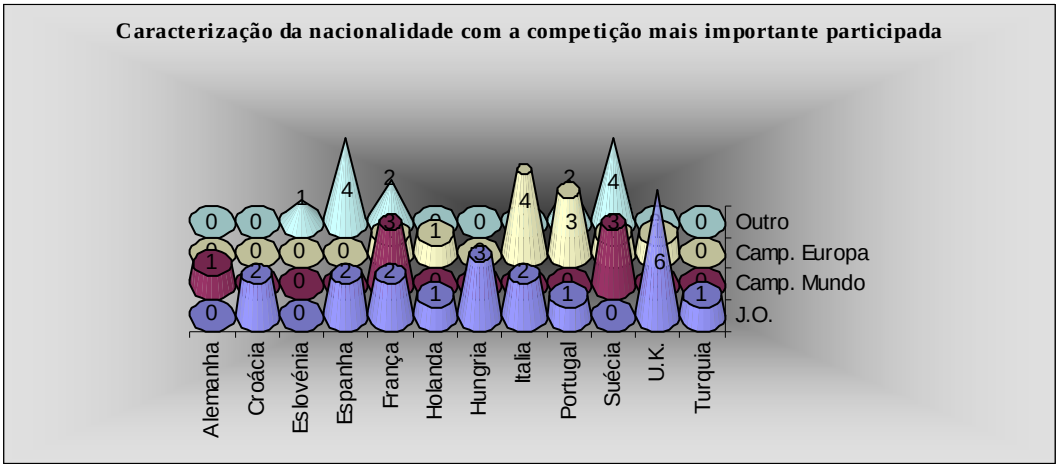
Para terminar a constituição da amostra, iremos de seguida comparar a idade dos atletas com o tempo de carreira. Temos sem qualquer dúvida um grande leque de atletas com um tempo de carreira diferenciado, indo dos 4 a mais de 19 anos. Então, relativamente à idade, quanto os atletas mais novos, 42% treinam desde à 10 – 12 anos e comparativamente aos atletas mais velhos, 32% treinam desde à 13 – 15 anos.

Tabela 2 – Comparação da Idade com o Tempo de Carreira

	Menos de 25 anos	Mais de 26 anos	Total
4 - 6 Anos	12	-	6
7 - 9 Anos	27	8	18
10 - 12 Anos	42	28	34
13 - 15 Anos	12	32	22
16 - 18 Anos	8	28	18
Mais de 19 anos	-	4	2
Total	100 N=26	100 N=25	100

Só a título de curiosidade, esta amostra é constituída por 20 atletas Olímpicos, 7 atletas que participaram nos Campeonatos do Mundo, 11 atletas que participaram nos Campeonatos da Europa e 13 atletas que participaram noutra competição a nível mundial ou europeu.

Gráfico 3 – Caracterização da Nacionalidade com Género de Competição



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Análise e Discussão dos Resultados

CAPITULO III
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com este capítulo, pretendemos saber em que medida o doping é uma prática corrente entre os atletas de elite, definindo assim, como objecto de estudo as pressões exercidas pelos vários agentes desportivos junto dos atletas de elite serem determinantes no recurso a meios ilícitos com vista ao aumento da performance, ainda que os melhores resultados sejam procurados por todos, e deste modo tenderem a desresponsabilizar os atletas que recorrem ao doping.

Portanto com este capítulo, procedemos à análise e discussão dos resultados do questionário aplicado aos atletas de lançamentos, no sentido de os compreender melhor e de estabelecer associações com outros estudos analisados aquando da revisão de literatura.

Assim este capítulo está organizado em três pontos: a auto-representação do recurso e da responsabilidade, a auto-representação sobre o *status-quo*, e os valores face ao consumo. Dentro de cada um destes pontos serão analisados os resultados da informação recolhida aos atletas de elite, pelo inquérito sociográfico de acordo com a metodologia referida no ponto anterior, que me permitirá comprovar ou não as hipóteses formuladas.

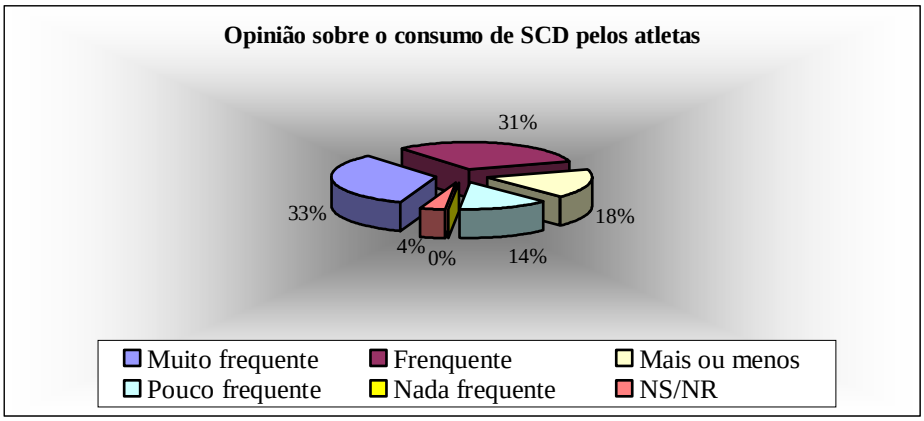
1. Auto-Representação do Recurso e da Responsabilidade Face à Dopagem

Com a nossa primeira hipótese, pretendíamos averiguar se a decisão do uso de substâncias dopantes, segundo a opinião da nossa amostra não partiria na maior parte dos casos do consentimento dos atletas, ainda que a maioria destes pudesse colaborar sem imposição, em especial os atletas com menores habilitações literárias e independentemente da idade e do sexo.

1.1. Opinião sobre o consumo

Como se pode verificar, os atletas mencionam que é muito frequente o consumo de substâncias consideradas dopantes pelos atletas de elite, onde o nada frequente nem sequer é citado (v. Gráfico 4).

Gráfico 4



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

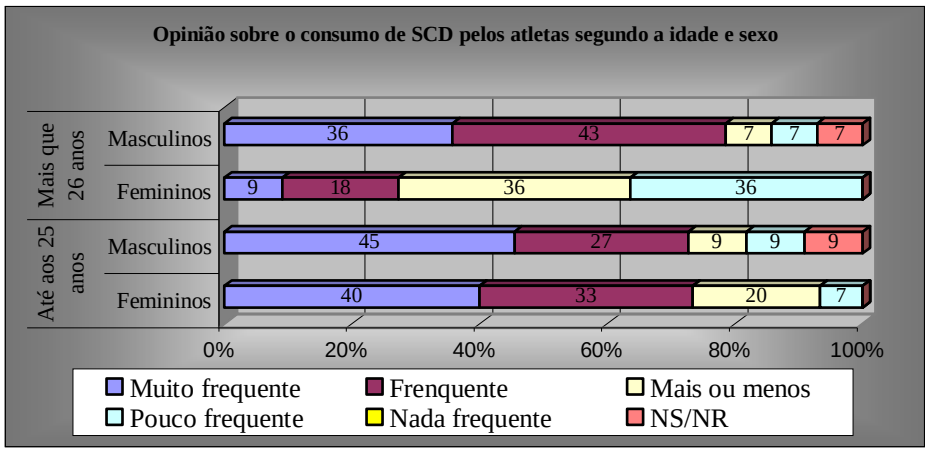
Relativamente à tabela 3, podemos averiguar que os atletas com menos de 25 anos indicam que é muito frequente o consumo de substâncias consideradas dopantes, ao contrário dos atletas com mais de 26 anos que afirmam que é frequente. As atletas femininas com 27% citam que tanto é muito frequente, como frequente ou até mais ou menos frequente. Os atletas masculinos voltam a referir que é muito frequente. Em suma, e com base no gráfico 3 o consumo é muito frequente.

Tabela 3 – Opinião sobre o Consumo de SCD pelos Atletas, segundo a Idade e Sexo

	Menos de 25 anos	Mais de 26 anos	Femininos	Masculinos
Muito frequente	42	24	27	40
Frequente	31	32	27	36
Mais ou menos	15	20	27	8
Pouco frequente	8	20	19	8
Nada frequente	-	-	-	-
NS/NR	4	4	-	8
Total	100 N=26	100 N=25	100 N=26	100 N=25

No que diz respeito ao gráfico 5, os atletas masculinos mais velhos indicam que é frequente, com 43%, o consumo de substâncias consideradas dopantes, enquanto que as atletas mais velhas citam que tanto é mais ou menos frequente como pouco frequente. Os atletas mais jovens tanto masculinos como femininos, referem que é muito frequente o consumo. Enquanto os primeiros a questão depende do sexo, a respostas dos mais novos é independente do sexo.

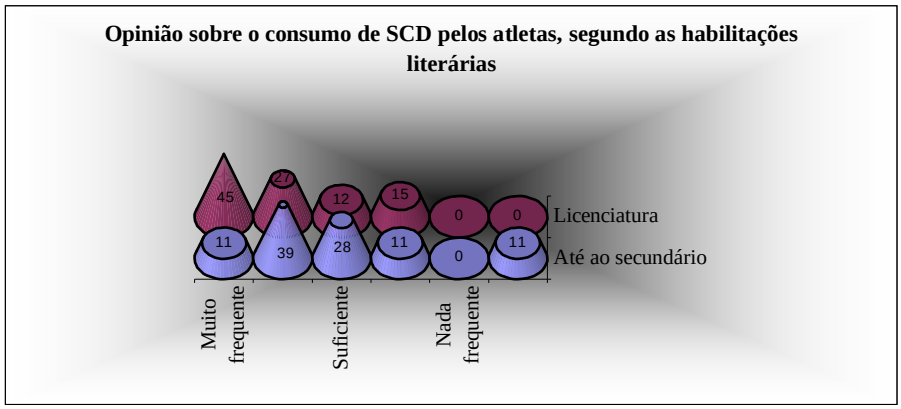
Gráfico 5



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Quanto às habilitações literárias, são os licenciados que citam que é muito frequente o consumo de substâncias dopantes com 45% das respostas, para 39% de respostas relativamente ao frequente para os atletas que se encontram até ao secundário (v. Gráfico 6).

Gráfico 6



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como vimos, a maioria dos atletas da nossa amostra considera que a dopagem é frequente embora, os mais novos, os femininos e os com licenciatura, proporcionalmente, consideram que é mais frequente.

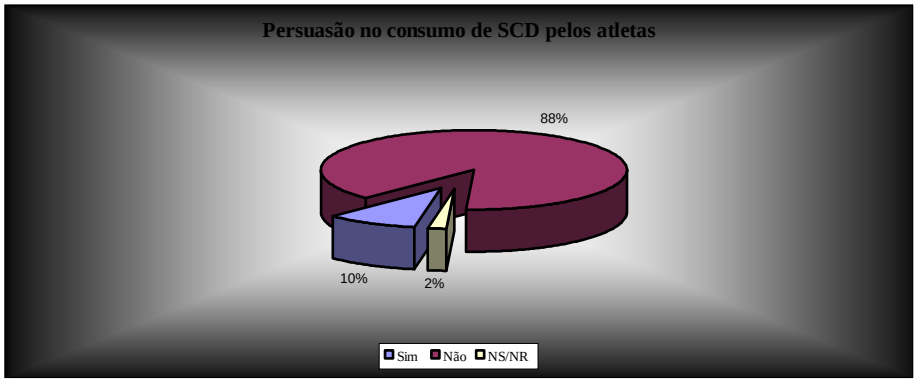
<u>Opinião geral sobre a persuasão</u>

Ao pronunciar a palavra persuasão, a questão que lhe é cingida é talvez a mais complexa, por tratar de um assunto que se relaciona directamente com a dopagem dos

atletas relativamente à questão do doping, com a responsabilidade dos agentes desportivos envolventes. Penso que este motivo poderá por em causa a veracidade das respostas.

Na realidade 88% dos atletas mencionam que nunca foram persuadidos, embora 10% destes tenham afirmado que já foram persuadidos no consumo de substâncias dopantes.

Gráfico 7



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

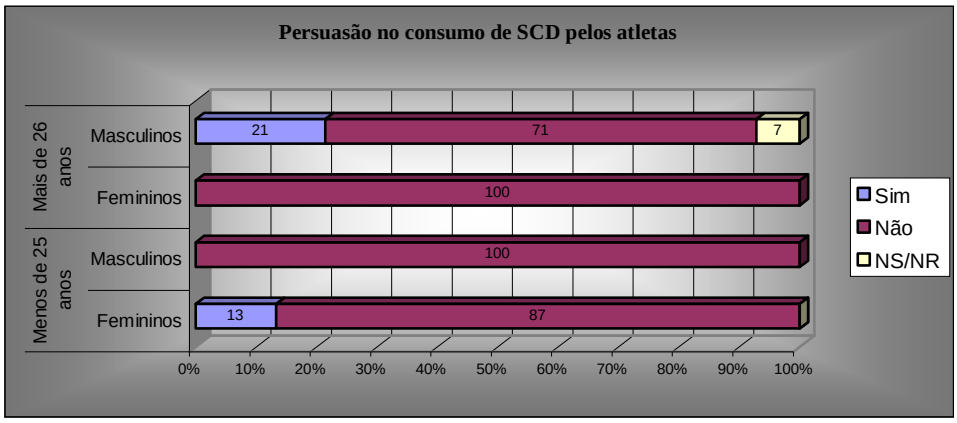
Como se pode observar independentemente do sexo e da idade todos já foram persuadidos no consumo de substâncias consideradas dopantes, apesar da baixa percentagem registada, como se pode observar na tabela 4.

Tabela 4 – Persuasão do Consumo de SCD pelos Atletas, segundo a Idade e Sexo

	Mais de 25 anos	Mais de 26 anos	Femininos	Masculinos
Sim	8	12	8	12
Não	92	84	92	84
NS/NR	-	4	-	4
Total	100 N=26	100 N=25	100 N=26	100 N=25

Os atletas masculinos mais velhos e as atletas femininas mais novas, são os que nos afirmaram já terem sido persuadidos no consumo de substâncias dopantes, sendo que 7% dos masculinos mais velhos não sabem/não responderam (v. Gráfico 8).

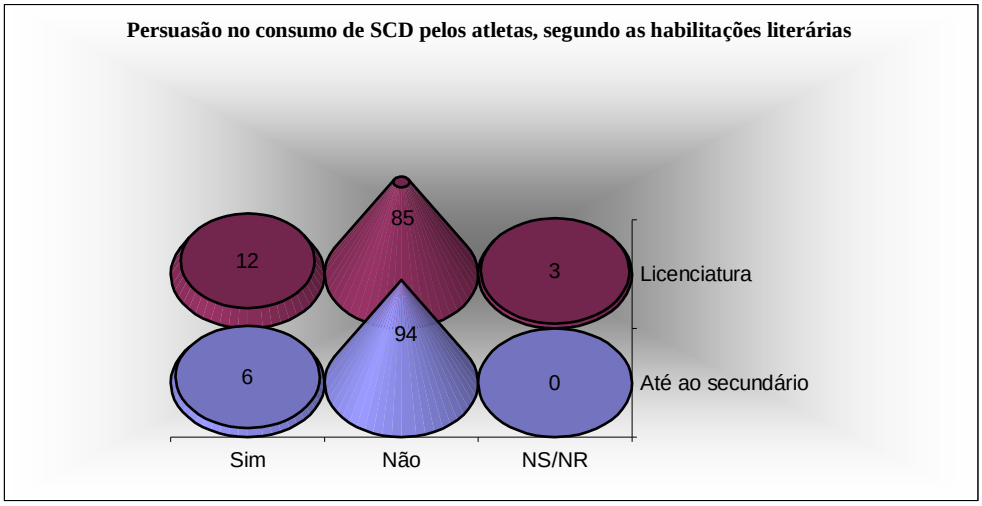
Gráfico 8



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

É nos atletas licenciados, que nos afirmaram terem sido persuadidos (12%) e em contrapartida apenas um dos atletas até ao secundário deu idêntica resposta.

Gráfico 9



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

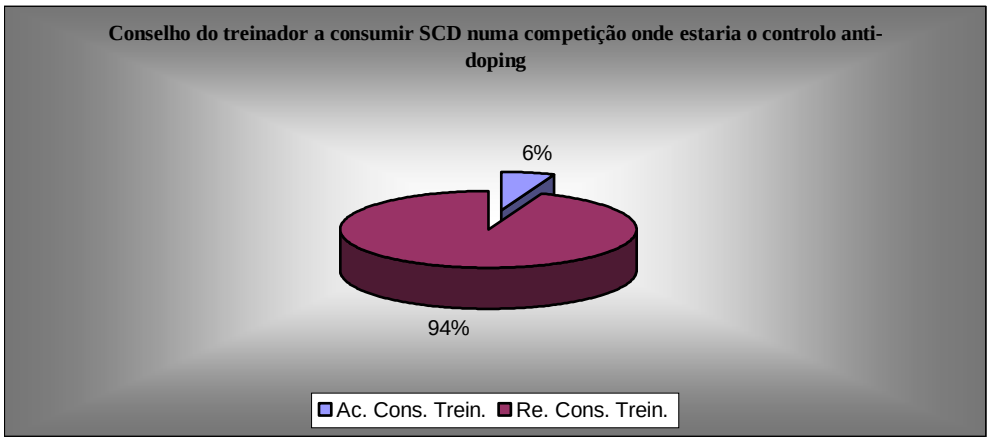
A maioria dos inquiridos considera que não há persuasão, ainda que num número reduzido, os mais velhos, os masculinos e sobretudo os masculinos mais velhos, os femininos mais novos, e ainda os com licenciatura, consideram proporcionalmente que haverá mais persusão.

<u>Atitudes dos treinadores face ao doping segundo a opinião dos atletas</u>

No que diz respeito ao atleta aceitar ou não o conselho do treinador a consumir substâncias consideradas dopantes numa competição onde estaria presente o controlo

anti-doping, constata-se pelo gráfico 10, que apenas uma pequena minoria de 6% nos afirmou que aceitaria o conselho do treinador.

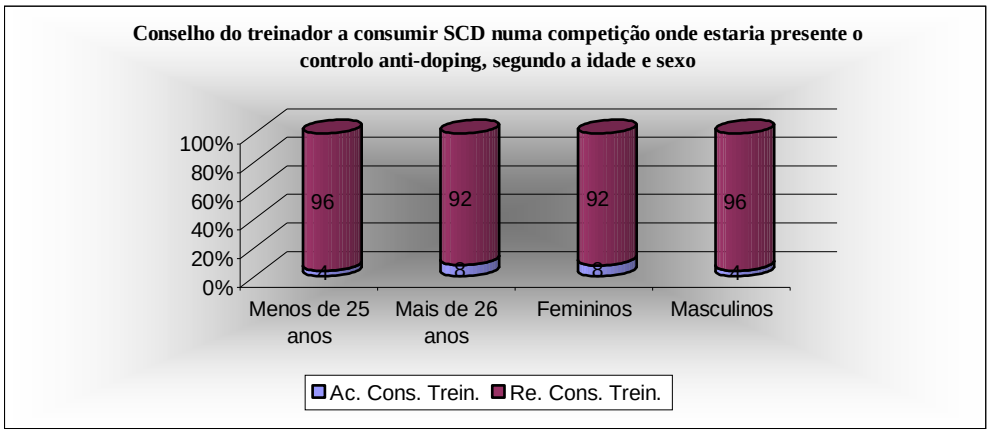
Gráfico 10



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Não são verificadas diferenças significativas segundo a idade e o sexo. Apesar dos atletas com mais de 26 anos, e os femininos de apresentam valores superiores.

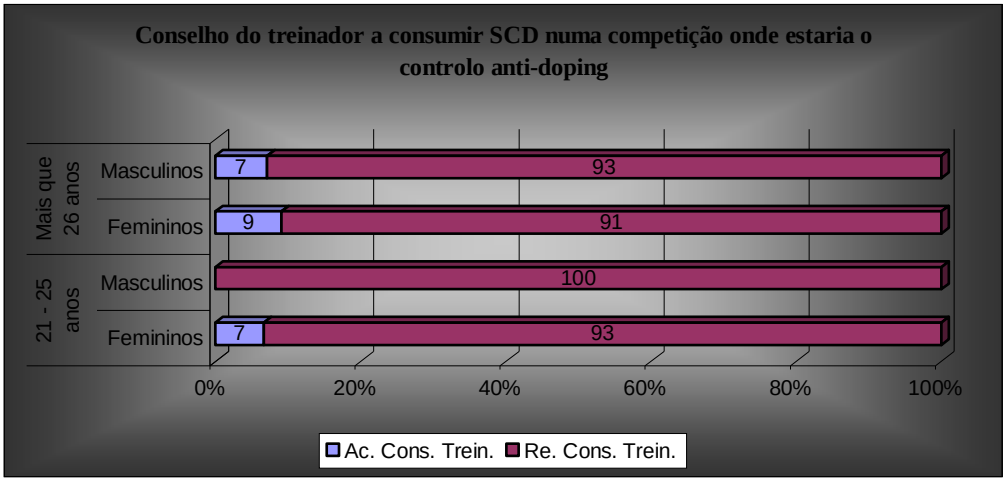
Gráfico 11



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

São as atletas femininas mais novas, e os atletas mais velhos de ambos os sexos, que nos afirmaram aceitar o conselho do treinador, conforme gráfico 12. Sabendo que, tal como é comentado no meio desportivo, o uso de substâncias consideradas dopantes pode aumentar até 10% a performance dos atletas, somos levados a pensar que estes atletas têm em vista, através da utilização do doping, atingir o seu recorde.

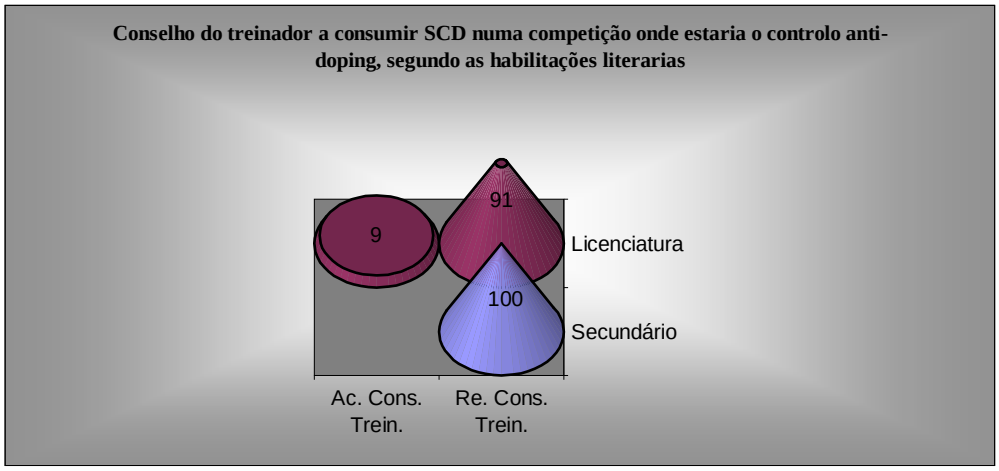
Gráfico 12



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como se pode ver no gráfico 13, são os atletas licenciados que nos afirmaram aceitar o conselho do treinador para o uso do doping (9%, equivalendo a três atletas), enquanto não se obteve nenhuma resposta positiva dos atletas que se encontram até ao secundário.

Gráfico 13



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Apesar da quase ausência das respostas no facto de poder aceitar o conselho do treinador onde se sabe que estaria o controlo, quando questionamos o nosso universo de análise sobre a mesma possibilidade mas numa competição onde previamente se sabe que não estaria o controlo, verificou-se um aumento das respostas. Dos 6% já referidos, passamos a ter 14% a afirmar que aceitariam (ver tabela 5). A presença do controlo anti-doping como era de esperar, parece assim ser um impeditivo ao consumo do mesmo.

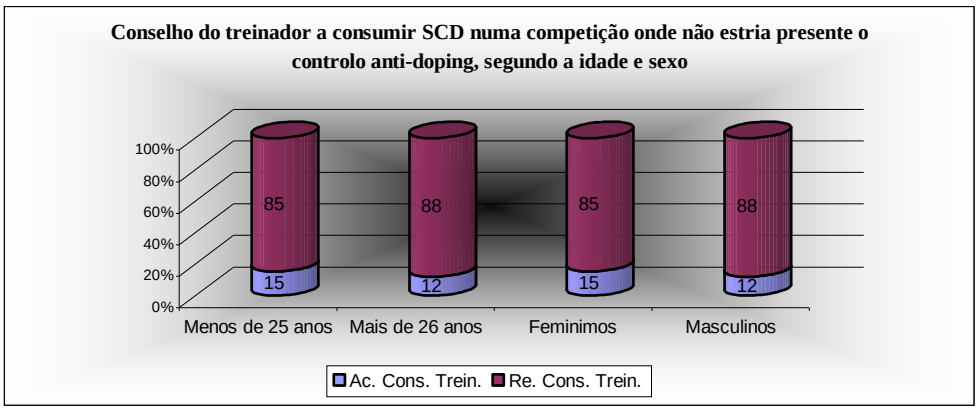
Indo de encontra à hipótese inicialmente formulada, dada a maioria dos atletas não colaborar com o treinador.

Tabela 5 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde não estaria o controlo anti-doping

	Total
Aceita conselho treinador	14
Recusa conselho treinador	86
Total	100 N=51

Como se pode ver no gráfico 14, verifica-se um aumento das respostas dos atletas que nos afirmaram que aceitariam o conselho do treinador, apesar dos baixos valores. Nos atletas mais novos e nos femininos o valor mais elevado em ambos os casos é 15%.

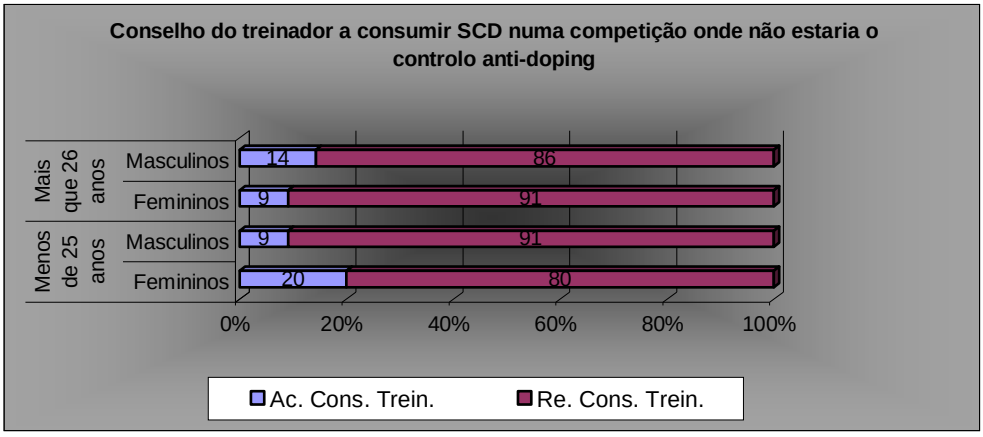
Gráfico 14



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

As atletas femininas mais novas são aquelas que com 20% das respostas aceitariam o conselho do treinador, seguindo-se os atletas masculinos mais velhos com 14%. Curioso, torna-se a comparação entre o gráfico 12 e 15, pois neste caso são as atletas mais velhas a aceitar o conselho do treinador.

Gráfico 15

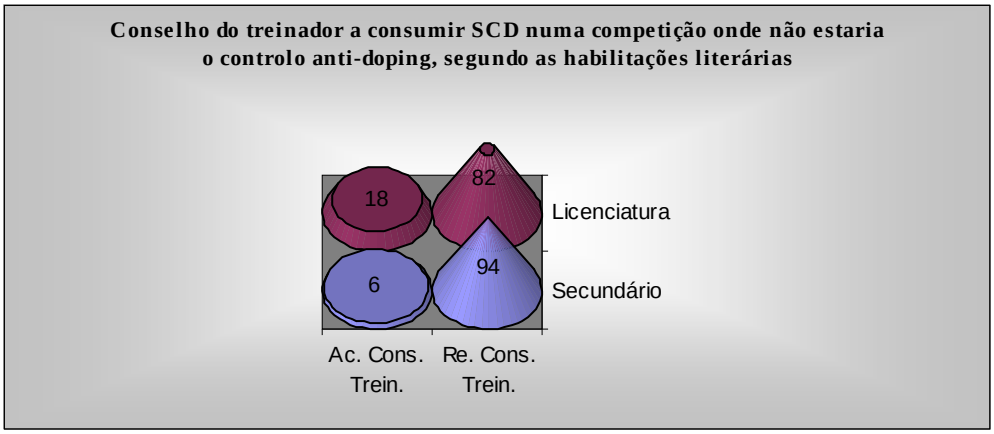


Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Mais uma vez se analisa que são os atletas licenciados que nos afirmaram que aceitariam em maior número o conselho do treinador, tal como também sucedeu no gráfico 13.

A única diferença reside neste gráfico 16, em que, igualmente os atletas que se encontram até ao secundário também aceitariam o conselho do treinador (6%) a consumir substâncias dopantes.

Gráfico 16



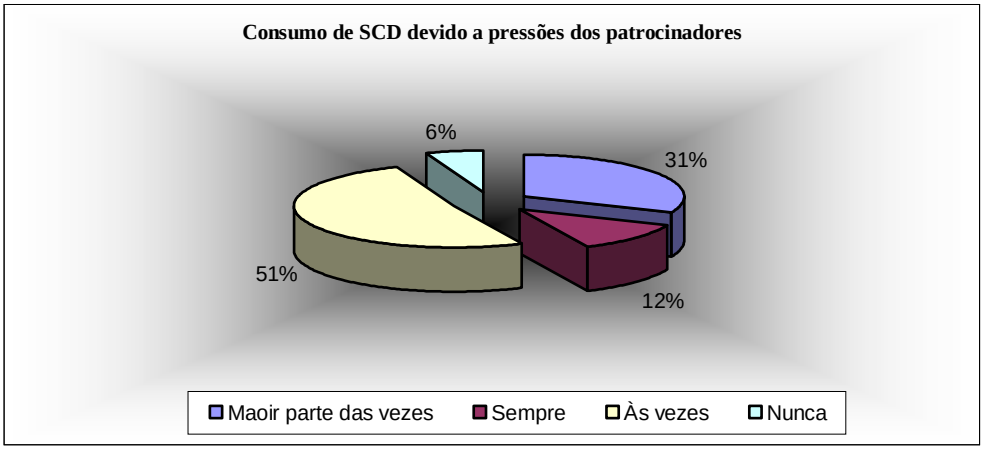
Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como podemos constatar, a maioria não aceitaria o conselho do treinador a consumir substâncias dopantes, no entanto, no segundo caso verificou-se um aumento no número de atletas que aceitaria o conselho do treinador, tendo-se elevado o valor deste de 6% para 14%. Esta atitude verifica-se mais nos atletas licenciados, nos masculinos mais velhos e nos femininos mais novos.

Pressões dos patrocinadores

Cerca de metade dos atletas, (51%) menciona que "às vezes" as pressões dos patrocinadores podem levar ao consumo de substâncias consideradas dopantes, conforme se pode ver no gráfico 17.

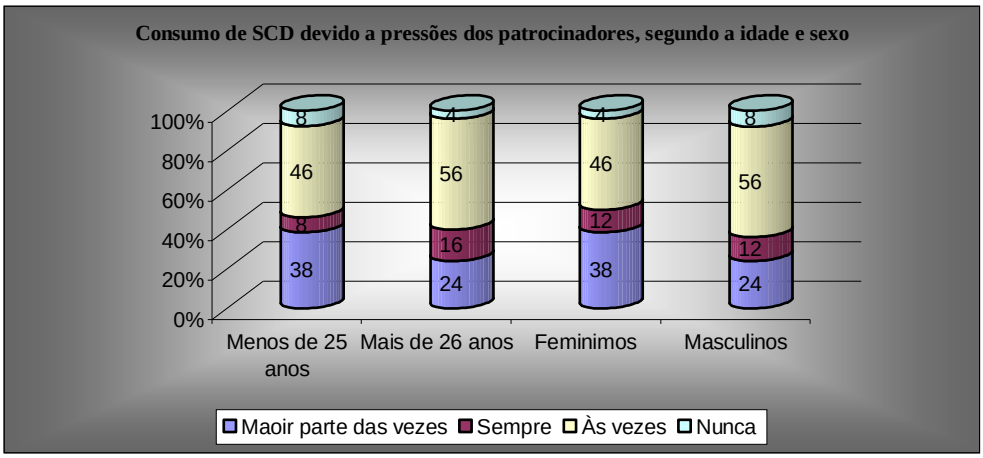
Gráfico 17



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Verifica-se que independentemente da idade e do sexo, a opção, "às vezes", é a mais indicada, sendo uma escolha superior para os mais velhos e para os masculinos, ambos com 56%. Em segunda linha de escolha surge a resposta de que a pressão é a "maior parte das vezes" a responsável por tais actos (v. Gráfico 18).

Gráfico 18

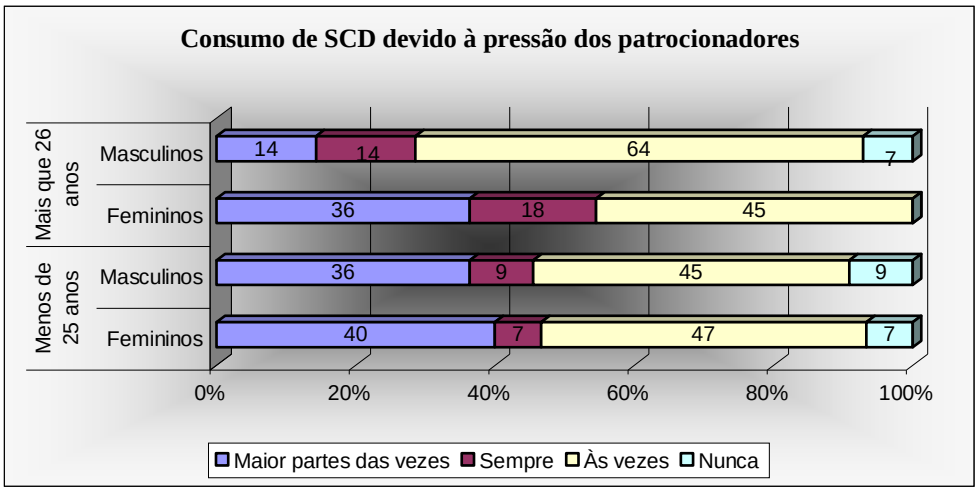


Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como podemos ver no gráfico 19, para os atletas masculinos mais velhos, mencionado com 64% que as pressões só "às vezes" poderão influenciar no consumo de

substâncias dopantes, seguindo-se as atletas mais novas (47%), e as atletas mais velhas e os atletas mais novos, ambos com 45%.

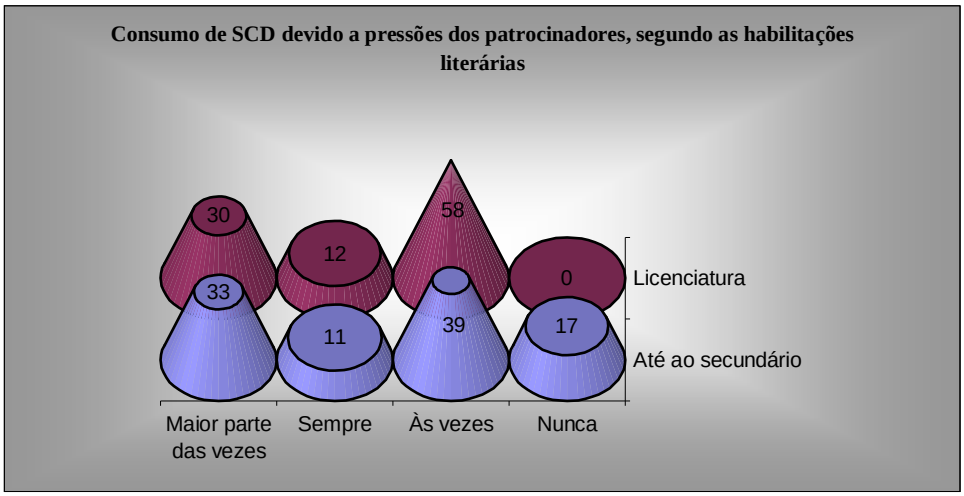
Gráfico 19



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Segundo a nossa amostra, tanto os licenciados (58%), como os atletas até ao secundário (39%), nos indicam que as pressões "às vezes" podem estar relacionadas com o consumo de substâncias consideradas dopantes (v. Gráfico 20).

Gráfico 20



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como podemos ver, apenas 6% dos atletas inquiridos considera que não existe pressão dos patrocinadores no consumo de SCD. Também neste aspecto o sexo, a idade

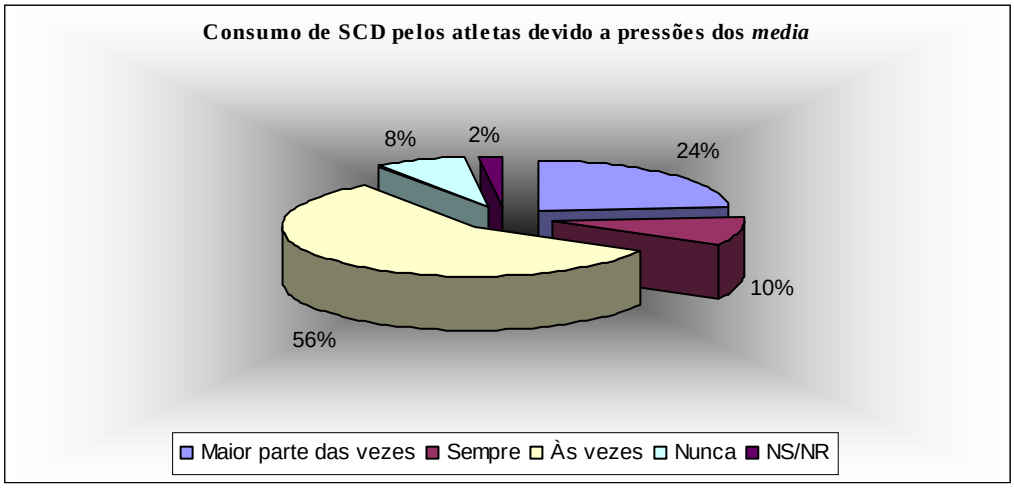
e as habilitações literárias não são indiferentes às opiniões dos atletas. Os mais novos, os femininos e o secundário consideram que existe mais pressão.

Pressão dos *media*

Os *media*, tal como os patrocínios analisados anteriormente, tanto podem impulsionar como despromover um atleta. Considerando que quanto mais alto for o rendimento de um atleta mais apoio obtêm da sociedade, e que portanto, os *media* desempenham um papel muito importante, sendo de pressupor que os mesmos podem levar os atletas a cometerem práticas ilícitas.

Assim para 56% da nossa amostra, os *media*, podem-se constituir como um elemento de pressão para os atletas consumirem tais substâncias, (valor este mais elevado do que o que se registou nos patrocinadores, como já foi referido), (v. Gráfico 21).

Gráfico 21



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

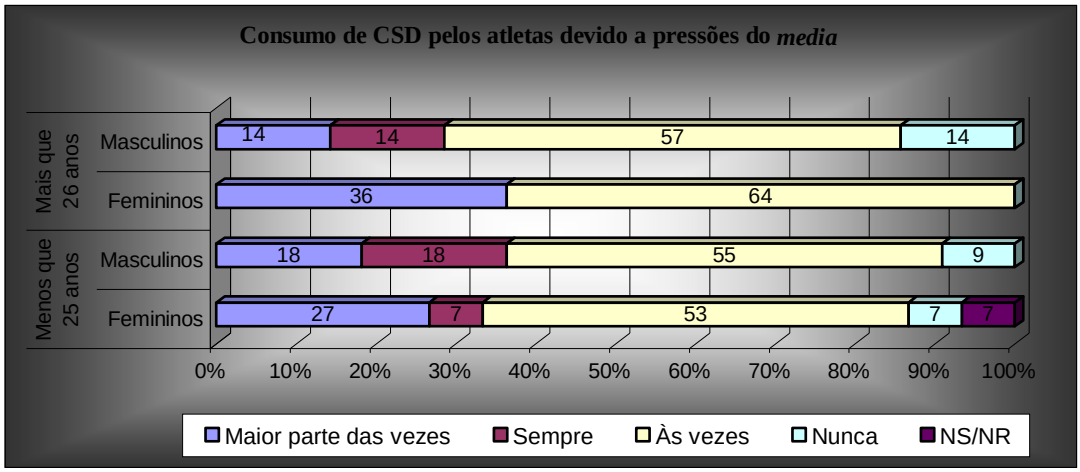
Conforme se pode ver na tabela 6, a maioria dos atletas independentemente da idade e do sexo, referem que os *media* "às vezes" são factor de pressão. A segunda maior escolha regista-se na facto dos atletas considerarem na "maior parte das vezes" os *media* exercerem pressão no consumo de substâncias consideradas dopantes.

Tabela 6 – Consumo de SCD pelos atletas devido a pressões dos *media*, segundo a idade e sexo

	Menos de 25 anos	Mais de 26 anos	Femininos	Masculinos
Maior parte das vezes	23	24	31	16
Sempre	12	8	4	16
Às vezes	54	60	58	56
Nunca	8	8	4	12
NS/NR	4	-	4	-
Total	100 N=26	100 N=25	100 N=26	100 N=25

Verifica-se, como temos vindo a referir, que a opção de "às vezes" é mais indicada, sobretudo nas atletas mais velhas (64%) seguida da escolha relativa "à maior parte das vezes (36%), conferir no gráfico 22.

Gráfico 22

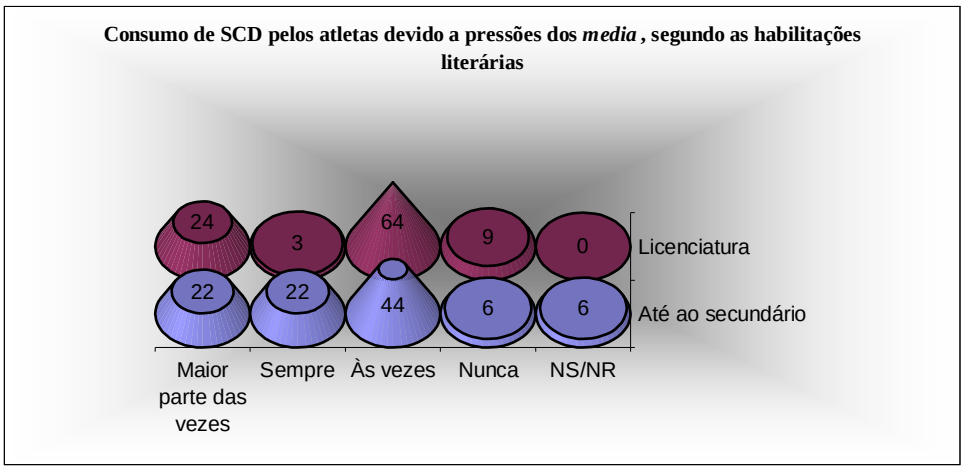


Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como era de se esperar mais uma vez, a opção "às vezes" foi a mais mencionada tanto pelos atletas até ao secundário como pelos licenciados, respectivamente com 44% e 64% com 64%, ainda que superior nesta ultima categoria (v. Gráfico 23).

Seria de se esperar, tanto neste caso como no caso dos patrocinadores, que os licenciados, já que foram esses a afirmarem que aceitavam mais o conselho do treinador, a ter mais respostas relativas à "maior parte das vezes" a pressão ser a causa do consumo de tais substâncias dopantes.

Gráfico 23



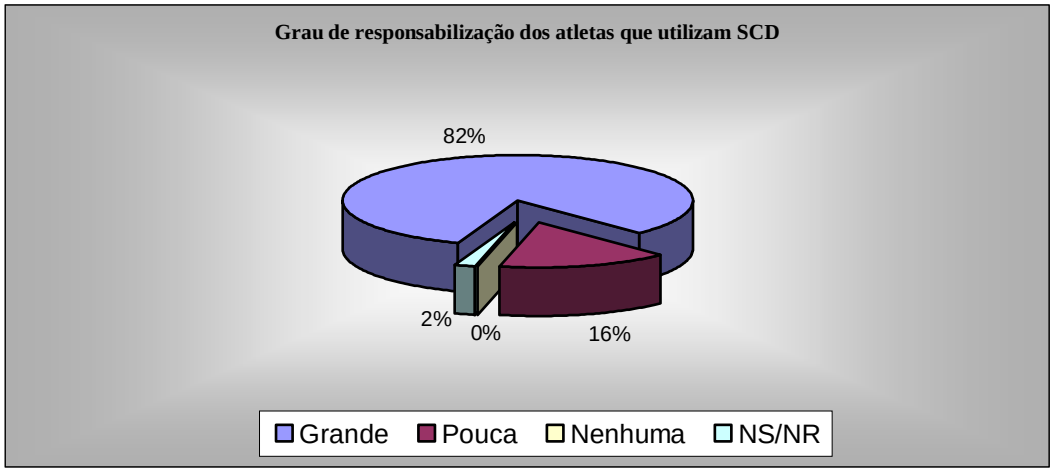
Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como se pode averiguar, apenas 8% dos atletas considera que não existe pressão dos *media.* As atletas femininas e os atletas até ao secundário, ponderam existir mais pressão. Não se verificando diferenças segundo a idade.

1.2. Responsabilização

Podemos verificar no gráfico 24, que segundo os atletas, que consomem substâncias consideradas dopantes serão grandemente responsáveis pelos seus actos. Este facto vem contrariar as respostas analisadas anteriormente que consideraram existirem agentes de pressão no consumo de substâncias consideradas dopantes.

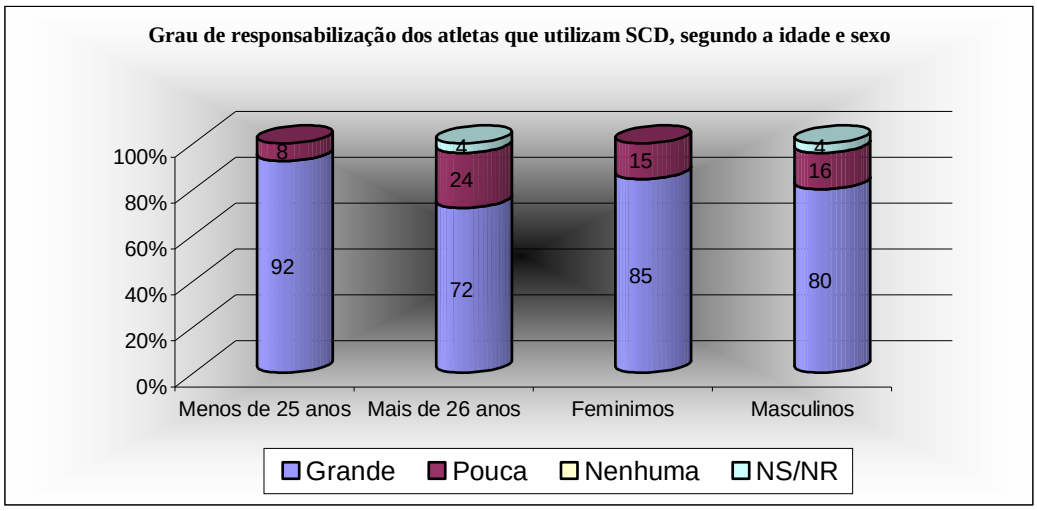
Gráfico 24



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Também, independentemente da idade e do sexo, os atletas consideram que existe uma grande responsabilidade por parte daqueles que se dopam. Os atletas com menos de 25 anos e os femininos são aqueles que mais consideram a "grande" responsabilidade dos atletas dopados (v. Gráfico 25).

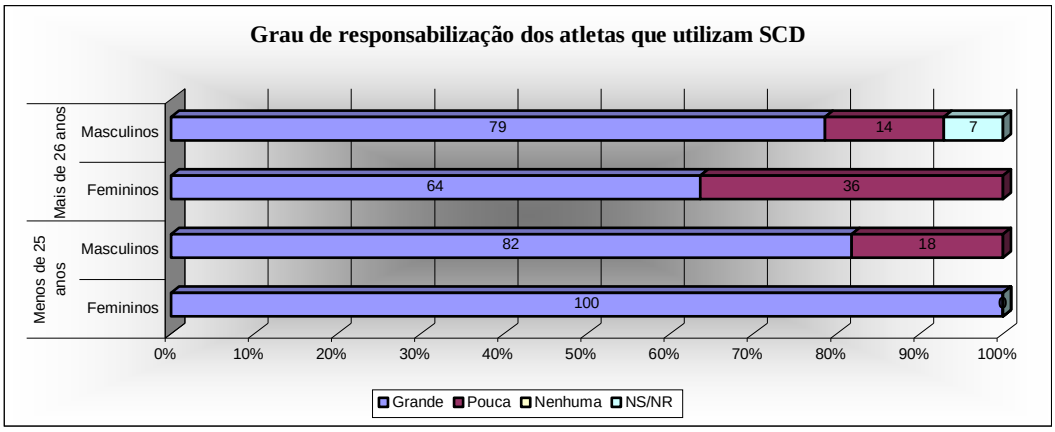
Gráfico 25



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

É bastante interessante averiguar que mais uma vez, constatamos o facto de se encontrarem algumas contradições nas respostas fornecidas pelos inquiridos. Por exemplo, as atletas mais novas responderam na totalidade, que os atletas que se dopam têm uma "grande" responsabilidade, de facto, no entanto, são estas mesmas que nos afirmaram que aceitariam em parte o conselho do treinador no consumo de tais substâncias ilícitas.

Gráfico 26



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

No que respeita à tabela 7, também é bastante curioso, à semelhança do que acabamos de referir, que são os atletas licenciados que mais afirmam ser "grande" a responsabilidade dos atletas que utilizam substâncias dopantes, sendo estes que nos gráficos 12 e 15 afirmaram respectivamente com 9% e 18% que aceitariam o conselho do treinador a consumirem tais substâncias dopantes.

Tabela 7 – Grau de responsabilização dos atletas que utilizam SCD, segundo as habilitações literárias

	Até ao secundário	Licenciatura	Total
Grande	78	85	82
Pouca	17	15	16
Nenhuma	0	0	0
NS/NR	6	0	2
Total	100 N=18	100 N=33	100 N=51

Podemos assim concluir, segundo a opinião da maioria da nossa amostra, os atletas que consomem SCD são responsáveis pelo uso. Sendo que os mais novos, os femininos e os licenciados proporcionalmente consideram mais.

1.3. Apontamento conclusivo

Relembrando a primeira hipótese, pretendíamos averiguar se a decisão do uso de substâncias dopantes, não partiria na maior parte dos casos do consentimento dos atletas, ainda que a maioria destes pudesse colaborar sem imposição, em especial os atletas com menores habilitações literárias e independentemente da idade e do sexo.

Segundo a opinião da nossa amostra, o uso de substâncias dopantes não partirá do consentimento dos atletas, e a maioria não colaboraria mesmo em tais actos. Apenas uma pequena parte dos inquiridos nos afirma que colaboraria na aceitação do conselho do treinador para o uso de substâncias consideradas dopantes. Assim sendo, a nossa hipótese apenas se confirma em parte, dado que tínhamos colocado que a maioria colaboraria no consumo, e tal facto não de verificou.

Também não se verificou o facto de serem os atletas com menores habilitações literárias a afirmar que colaborariam mais no consentimento com práticas de dopagem, como seria de esperar segundo as conclusões de Luschen (2000), uma vez que foram até os atletas licenciados, ainda que em reduzido número, que nos afirmaram que

colaborariam com o treinador caso este os aconselhasse a usar substâncias consideradas dopantes. No entanto haverá que considerar, que estamos a analisar as respostas dos atletas, sendo possível que haja uma diferença entre o que se diz e o que se faz.

Segundo a opinião dos inquiridos, o uso de substâncias consideradas dopantes (SCD) é muito frequente. Este facto vai ao encontro das palavras de Gomes Pereira (1997), quando sugere que o uso de SCD é frequente entre os atletas de elite.

No entanto, apenas 10% dos atletas dizem ter sido persuadidos, sendo que nestes, proporcionalmente, se encontraram apenas as atletas jovens e os atletas mais velhos, respectivamente 13 % e 21%. Também, ao se analisar este item relativo ao grau de ensino, se encontram os licenciados a afirmar existir tal facto em proporção superior à dos atletas até ao secundário, respectivamente 12% e 6%.

Aquando do conselho do treinador para consumirem SCD numa competição onde estivesse o controlo anti-doping, 6% afirmou que aceitaria. No entanto, no caso oposto, isto é, se o controlo anti-doping não estivesse presente, o número de atletas que nos referiu aceitar o conselho do treinador aumentou para 14%.

O grau de responsabilização dos atletas que consomem as substâncias dopantes, é grande segundo a opinião dos atletas inquiridos (82%). No entanto, juntando as opiniões, a maioria dos inquiridos, ainda que a diferentes níveis, consideram que existem pressões dos patrocínios e dos *media* no consumo de SCD. Este facto vai ao encontro das afirmações de Lipovetsky (1994), que sugere a existência de fortes pressões para o CSD.

Por último podemos concluir que, apesar de em número reduzido a idade e o sexo não se mostraram independentes às opiniões e atitudes da nossa amostra, o que vem contrariar em parte, ou esclarecer o pressuposto inicial.

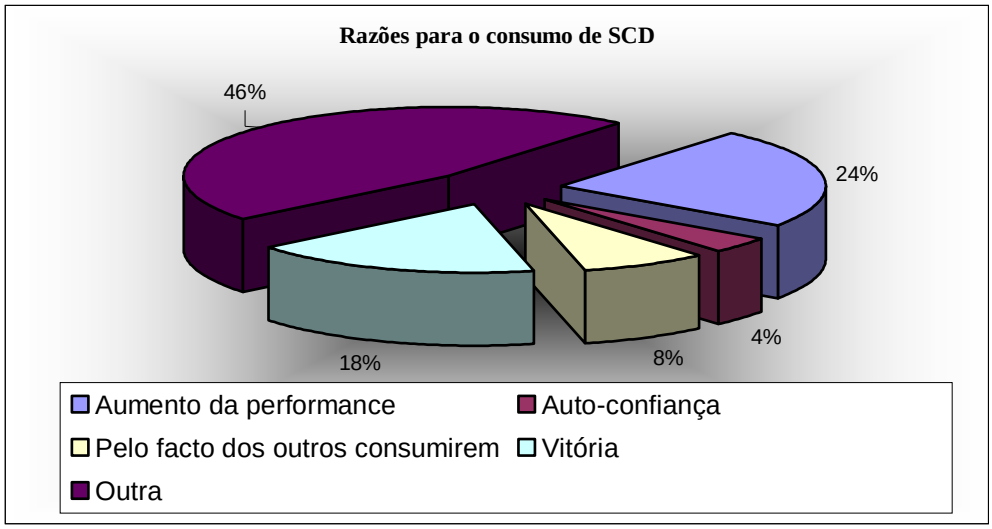
2. Auto-representação sobre o Status-quo no Consumo de Substâncias Consideradas Dopantes

Com a segunda hipótese levantada pretendemos saber se os atletas consideram que as razões para o uso de substâncias dopantes são determinantes pela procura da vitória e se são favoráveis às sanções aplicadas, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

2.1. Razões gerais para o consumo

Quase metade dos atletas da nossa amostra não escolheu as categorias que definimos anteriormente para o CSD. Assim, a categoria "outra" foi a mais frequentada (46%), sendo que nos referiram como exemplo o "dinheiro", o "aumento do estatuto social" e a "nenhuma razão". Das restantes razões o aumento da performance surge em primeiro lugar com 24%, seguido da vitória com 18%, pelo facto dos outros consumirem (8%), e por fim a auto-confiança com 4%. Conforme se pode ver no gráfico 27.

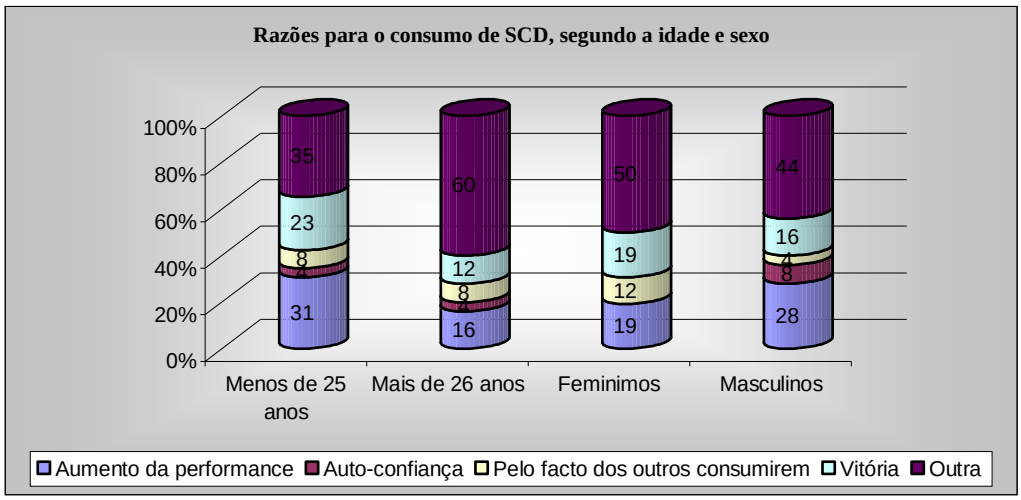
Gráfico 27



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Analisando as razões para o CSD, com a idade e com o sexo, proporcionalmente o aumento da performance e a vitória apresentam valores mais elevados para os mais novos, sendo que no primeiro caso registam-se valores mais elevados, como se pode verificar no gráfico 28.

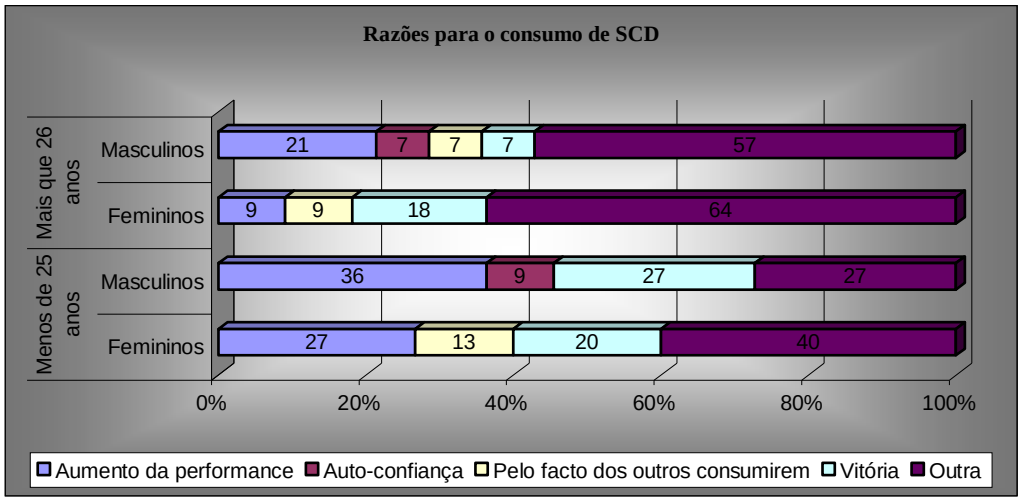
Gráfico 28



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Quando cruzamos a idade com o sexo verificamos que continuam a ser os atletas mais jovens a escolherem para razão do consumo o aumento da performance e a vitória, independentemente do sexo (v. Gráfico 29).

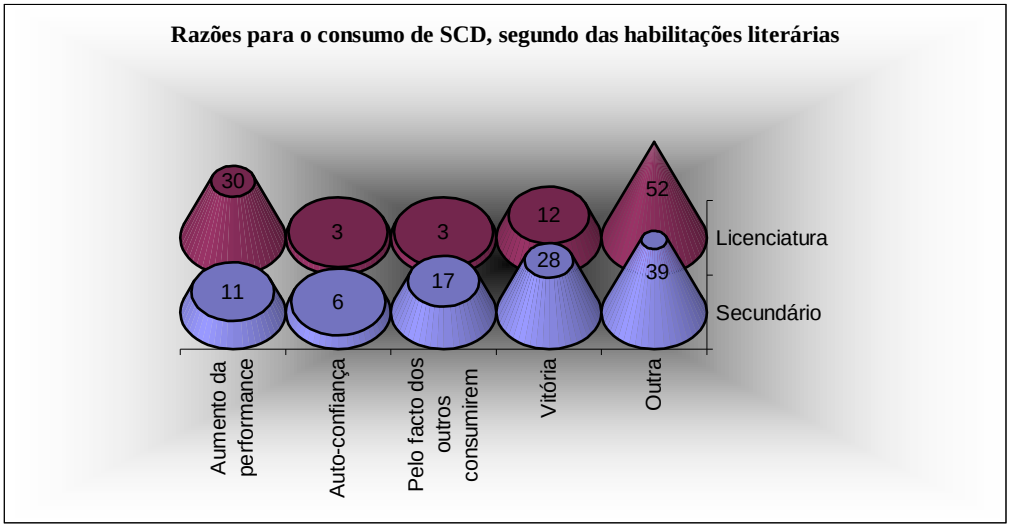
Gráfico 29



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

A outra opção tem vindo a revelar-se sempre mais mencionada, independentemente do grau de ensino. A segunda mais citada tendo em conta o nível escolar, é para os licenciados o aumento da performance e para os atletas que se encontram até ao secundário é a vitória.

Gráfico 30



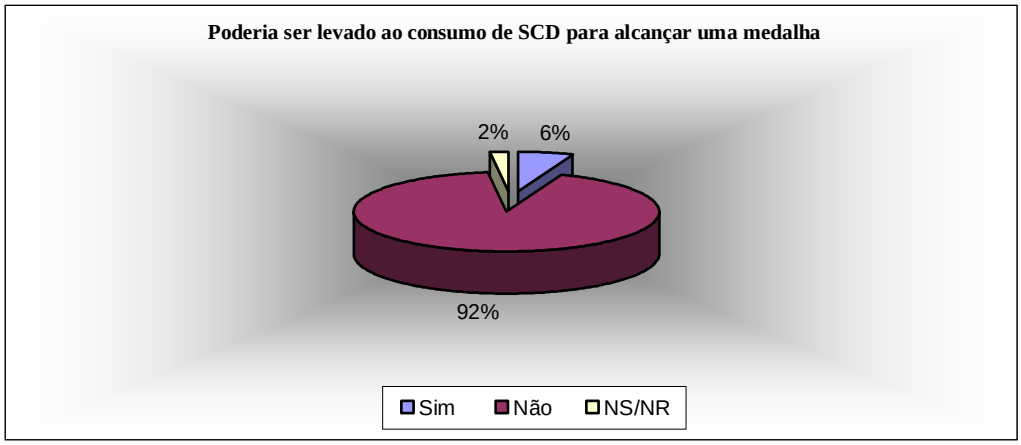
Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

O aumento da performance parece estar associado às razões mais apontadas para o uso da dopagem. Os mais novos, sobretudo os masculinos e os licenciados proporcionalmente.

<u>A importância das medalhas no consumo</u>

Como podemos analisar no gráfico 31, apenas 6%, afirmaram poderem ser levados ao consumo de substâncias consideradas dopantes para alcançar uma medalha.

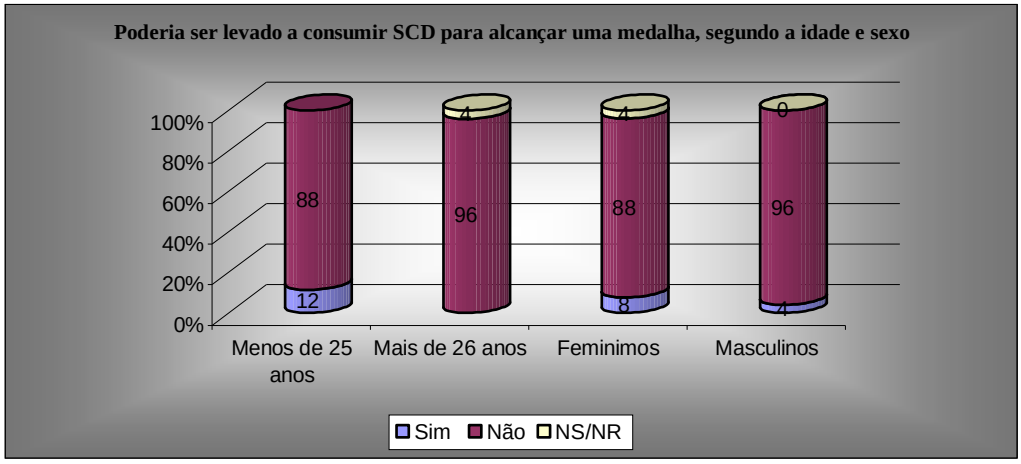
Gráfico 31



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

À excepção dos atletas mais velhos, todos os outros ainda que com valores baixos, afirmaram que podiam ser levados a consumir substâncias consideradas dopantes.

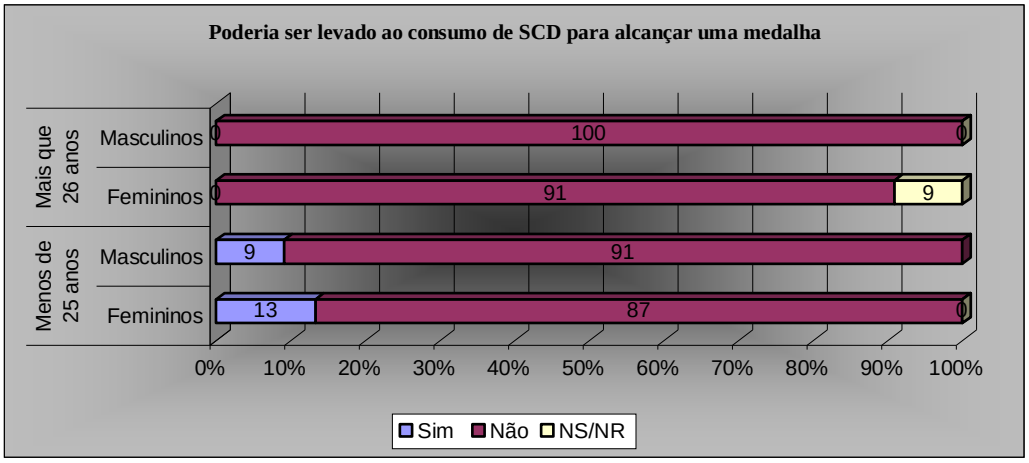
Gráfico 32



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Ao analisarmos o consumo de SDC para alcançar uma medalha, este facto é mais referido pelas raparigas e pelos rapazes mais novos (v. Gráfico 33).

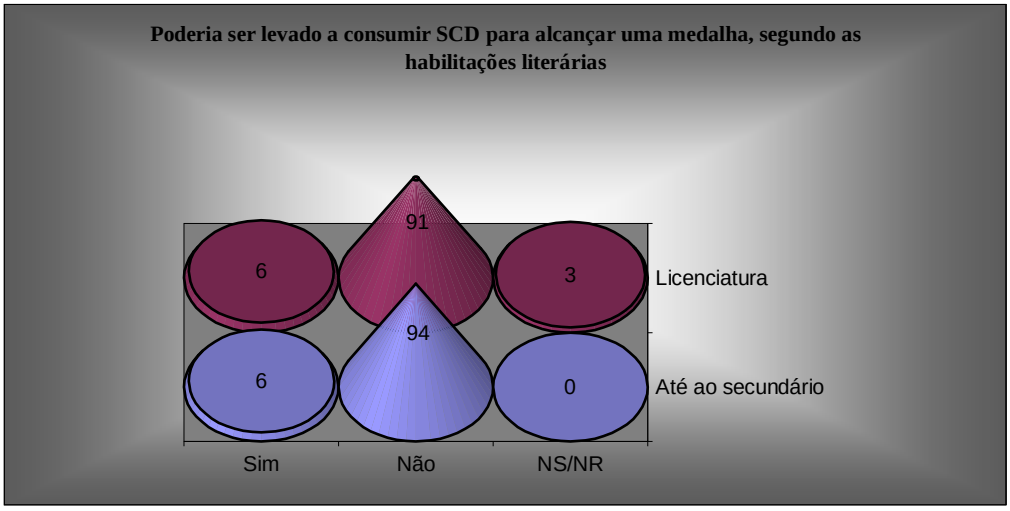
Gráfico 33



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Analisando agora o CSD relativamente às habilitações literárias, não se registam grandes diferenças como se pode ver no gráfico 34, apenas cerca de 6% dos licenciados e dos atletas até ao secundário afirmam que poderiam ser levados ao consumo de substâncias ilícitas.

Gráfico 34



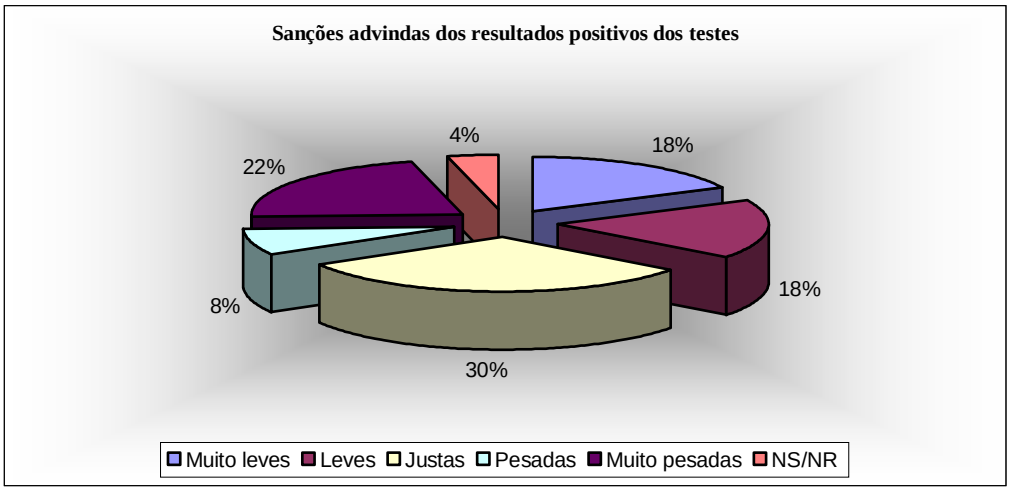
Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Segundo a maioria da nossa amostra não consumiria SCD para alcançar uma medalha. Apenas 6% e 2% poderiam ser levados e não se pronunciaram, sobretudo, aquando dos atletas mais novos e principalmente os femininos, não se verificando diferenças nas habilitações literárias.

2.2. Sanções

As sanções advindas dos resultados positivos dos testes são justas para 30% dos atletas, seguida de muito pesadas, e por fim muito leves e leves, ambas com 18% (v. gráfico 35).

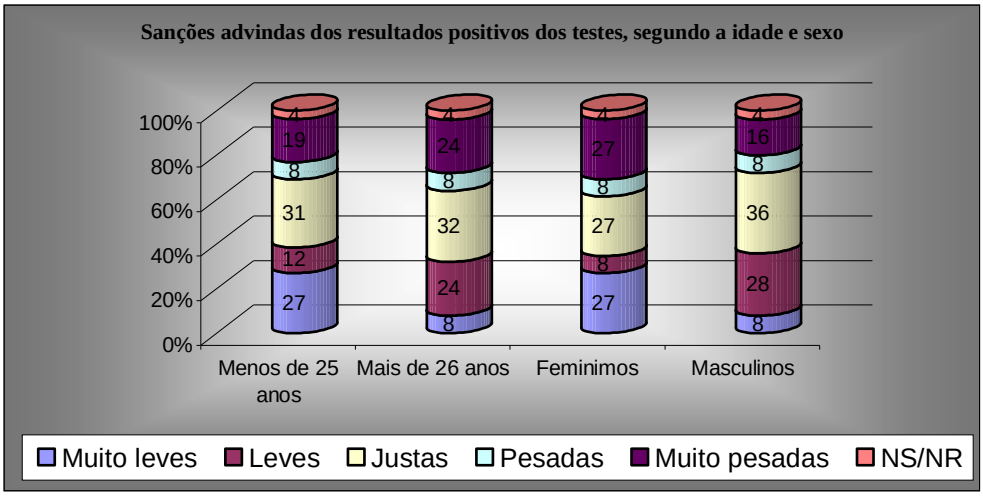
Gráfico 35



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Para os atletas, independentemente da idade e do sexo, as sanções são "justas". Os atletas mais jovens, referem que são "muito leves", enquanto os mais velhos mencionam que são "muito pesadas" e ao mesmo tempo "leves". As atletas femininas referem que tanto são "muito pesadas", "justas" e/ou "muito leves". Por fim os atletas masculinos citam que são "leves".

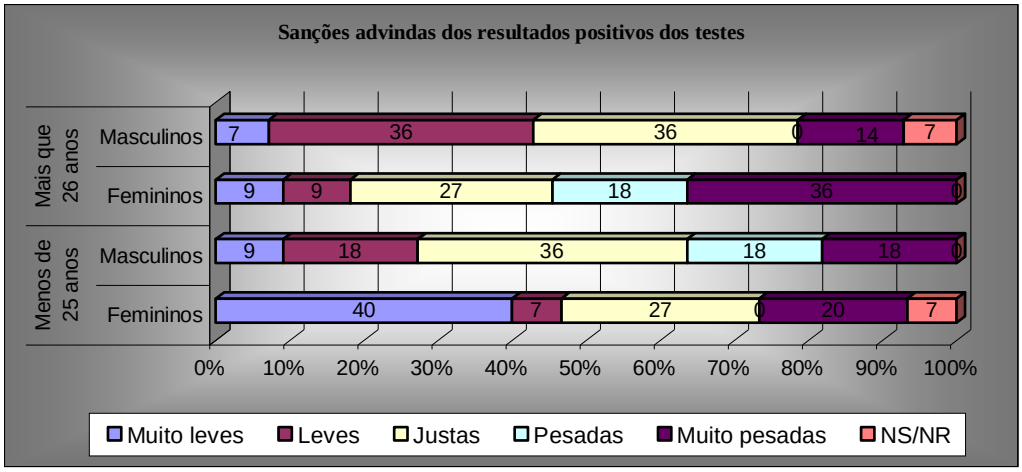
Gráfico 36



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Na sua maioria para as atletas mais novas, as sanções são consideradas "muito leves", para os atletas mais novos "justas", para as atletas mais velhas são "muito pesadas" e para os atletas mais velhos são tanto leves como justas 36%, como confirma o gráfico 37.

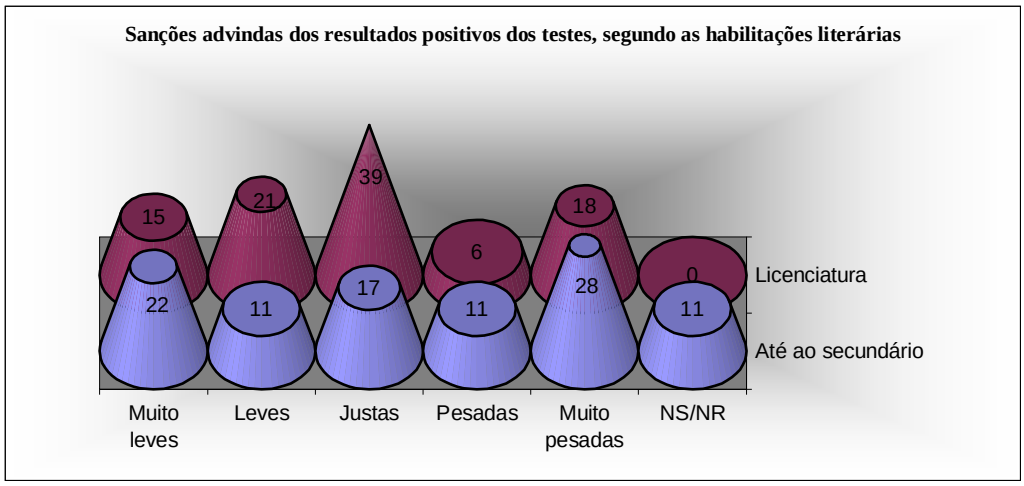
Gráfico 37



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como se pode verificar, para os atletas que se encontram até ao secundário as sanções são “muito pesadas”, e para os atletas licenciados são “justas”.

Gráfico 38

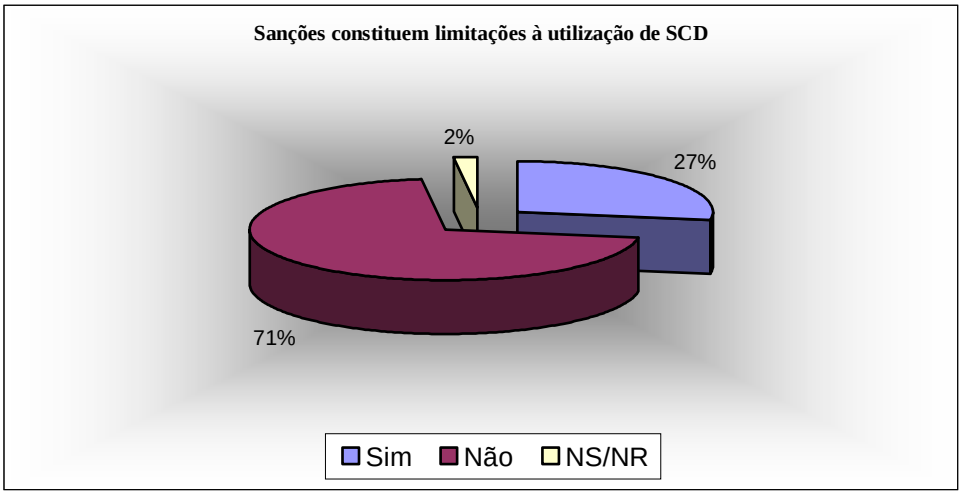


Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

As opiniões dividem-se entre o considerarem as sanções leves e muito leves (18% cada um, num total de 36%), justas (30%), pesadas (8%) e muito pesadas (22%), num total de 60%. As maiores diferenças estão nas atletas femininas mais novas que mencionam ser muito leves e nos licenciados a afirmar que são justas.

Como se pode verificar no gráfico 39, as sanções para 71% dos atletas não constituem uma limitação à utilização de substâncias consideradas dopantes, constituindo uma limitação para apenas 27%.

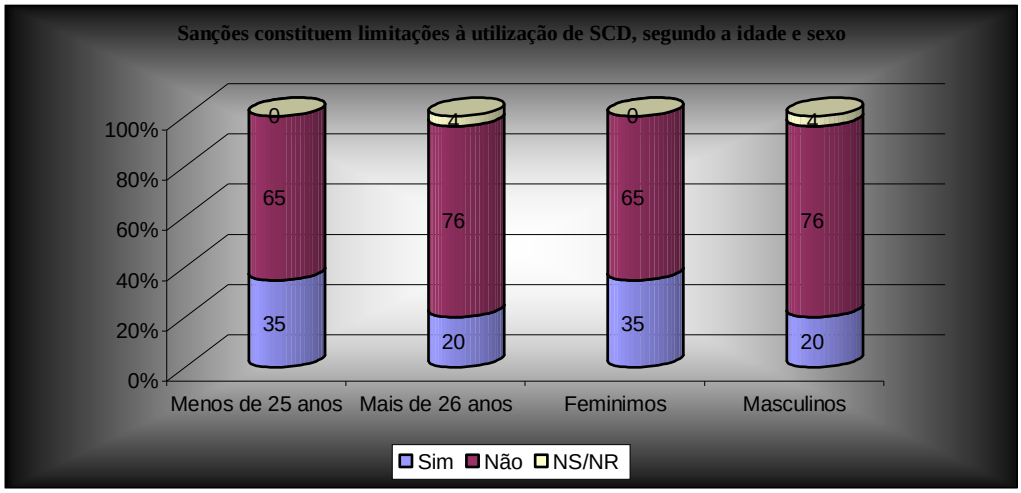
Gráfico 39



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Mais uma vez, independentemente da idade e do sexo, para a maioria dos nossos inquiridos as sanções não constituem limitações ao uso de substâncias dopantes (v. gráfico 40).

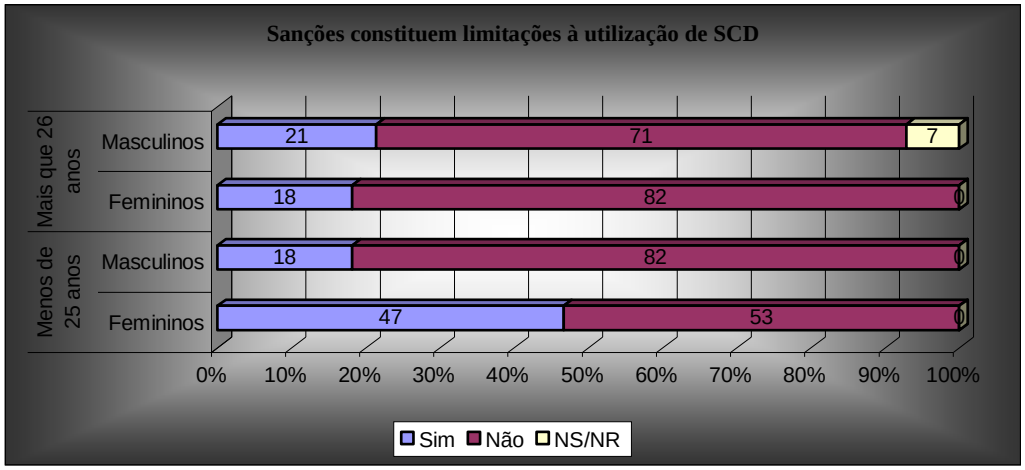
Gráfico 40



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

As sanções não constituem qualquer limitação como se tem vindo a registar. Apenas nas atletas mais novas, o "sim" é indicado por 47%, como se pode comprovar com o gráfico 41.

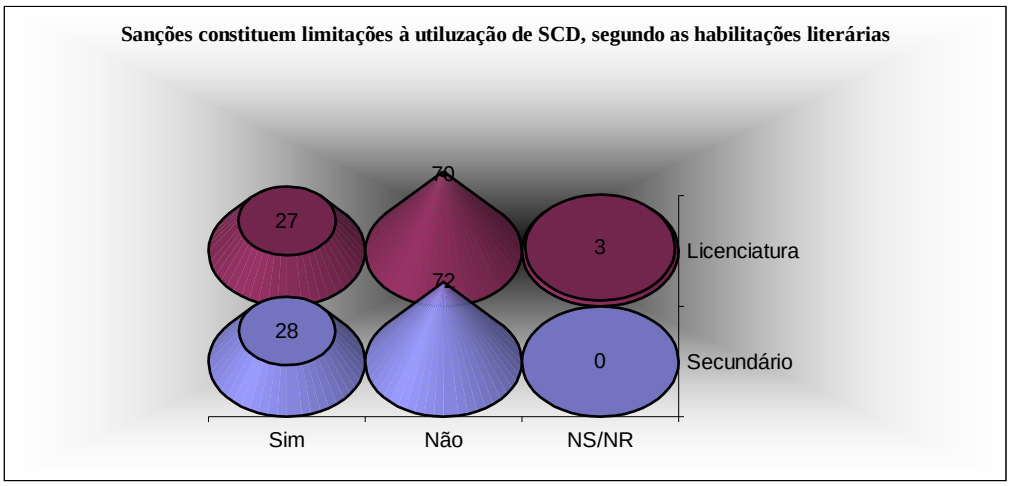
Gráfico 41



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

De acordo com o gráfico 42, averiguamos que independentemente das habilitações literárias, as sanções continuam a não constituir qualquer limitação.

Gráfico 42



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Como se viu a maioria dos inquiridos considera que as sanções não são impeditivas ao consumo de SCD (71%). São os mais novos em especial as atletas femininas a considerar que as sanções são impeditivas, não se verificando diferenças nas habilitações literárias.

2.3. Apontamento conclusivo

Recapitulando a segunda hipótese levantada, onde pretendíamos saber se os atletas considerariam que as razões para o uso de substâncias dopantes são determinadas pela procura da vitória, e se são favoráveis às sanções aplicadas, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

Nas razões mais apontadas no consumo de SCD, encontram-se o aumento da performance e a vitória, o que vai ao encontro da nossa hipótese. Ainda que num nível reduzido verificam-se diferenças de opinião quanto à idade, ao sexo e às habilitações literárias dos inquiridos. Os dados vêm assim ao encontro de Luschen (2000), quando afirma que, o aumento da performance através de produtos dopantes, começa a ser bem conhecido, como também o reconhecimento entre os atletas e o que deles advém; num momento em que é nas pequenas diferenças que se encontra a diferença, o uso de substâncias dopantes para aumentar a performance é justificativo para a vitória.

Relativamente às sanções aplicadas, a opinião da nossa amostra também vem ao encontro da nossa hipótese, dado que a maioria considera que são justas, leves ou muito

leves, no entanto, 30% referiu serem pesadas ou muito pesadas, o que parece aumentar grandemente o número de indivíduos da nossa amostra mais receptivos ao consumo de SCD. Foram os atletas mais velhos, sobretudo os femininos, e os licenciados, que, proporcionalmente, se pronunciaram acerca de considerarem as sanções serem pesadas e muito pesadas.

Com base nos dados recolhidos, podemos concluir, que as sanções não constituem uma limitação ao consumo de substâncias dopantes (71%), sendo que, os mais novos, e em especial os femininos, apresentam proporcionalmente uma opinião mais favorável neste sentido.

A maioria dos atletas não seria levado a consumir CSD para alcançar uma medalha, segundo as opiniões dos inquiridos da nossa amostra. Proporcionalmente os mais novos, e principalmente as atletas mostram-se mais receptivas ao consumo, não se tendo registado diferenças quanto às habilitações literárias.

Podemos assim concluir, que a nossa hipótese se confirma em relação às razões apontadas para o SCD, bem como à opinião das sanções aplicadas, embora a variável idade e sexo não se ter mostrado completamente independente à opinião dos inquiridos, pois apenas as habilitações literárias não se constituíram uma variável diferenciadora.

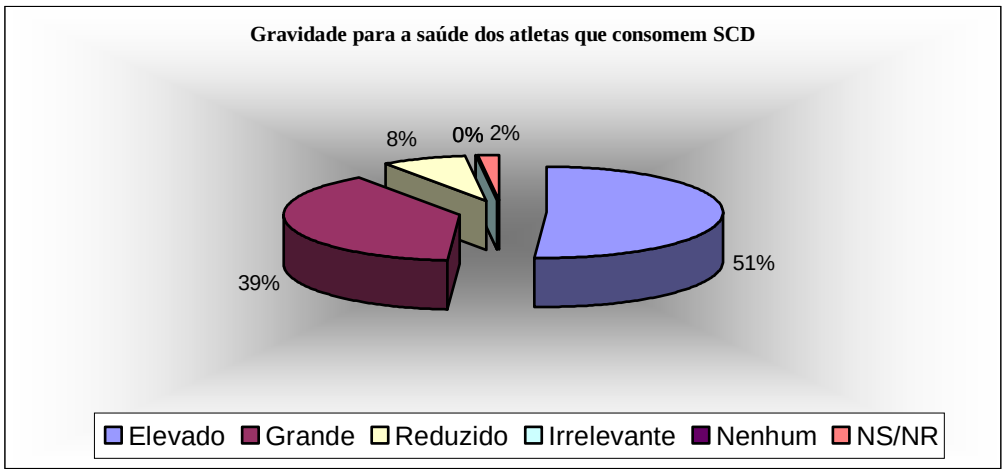
3. Valores Éticos e Atitudes

A terceira hipótese levantada pretende saber se os atletas consideram a dopagem nociva à saúde, e assim sendo, se manifestam uma opinião contrária à liberalização do consumo, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

3.1. Efeito nocivo para a saúde

Como se pode averiguar, o risco para a saúde dos atletas que consomem substâncias consideradas dopantes é elevado, segundo a opinião dos inquiridos (51%), e grande para 39%, conforme gráfico 43.

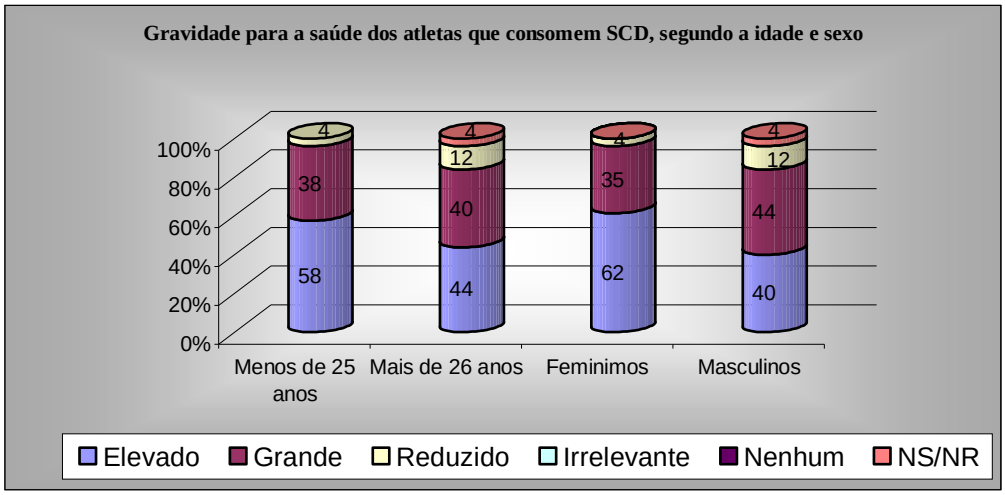
Gráfico 43



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

À excepção dos atletas masculinos que afirmam que o risco é grande, todos os outros mencionam que o risco para a saúde é elevado (v. gráfico 44).

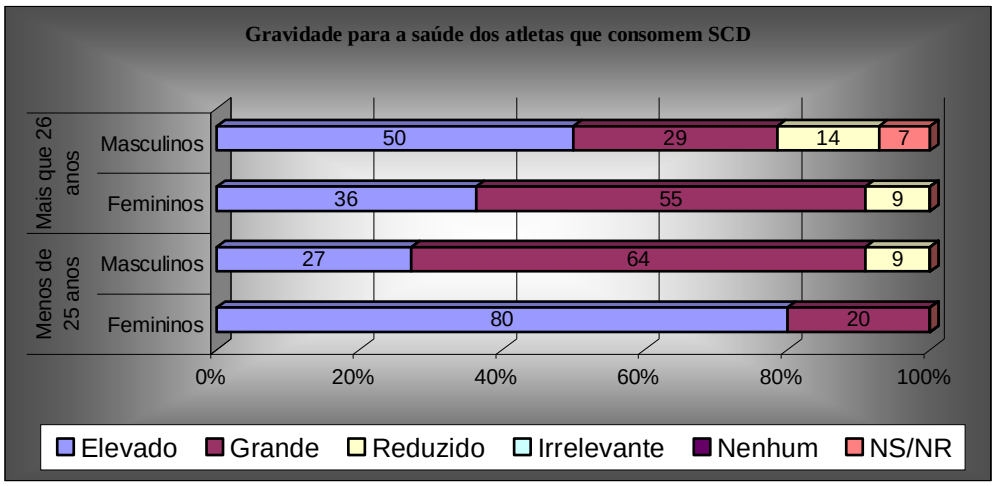
Gráfico 44



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Maioritariamente as atletas mais novas e os atletas mais velhos indicam que o risco para a saúde para quem consome tais substâncias é elevado, conforme gráfico 45. Para os atletas mais novos e para as atletas mais velhas o risco é grande. Apenas alguns citam que o risco é reduzido.

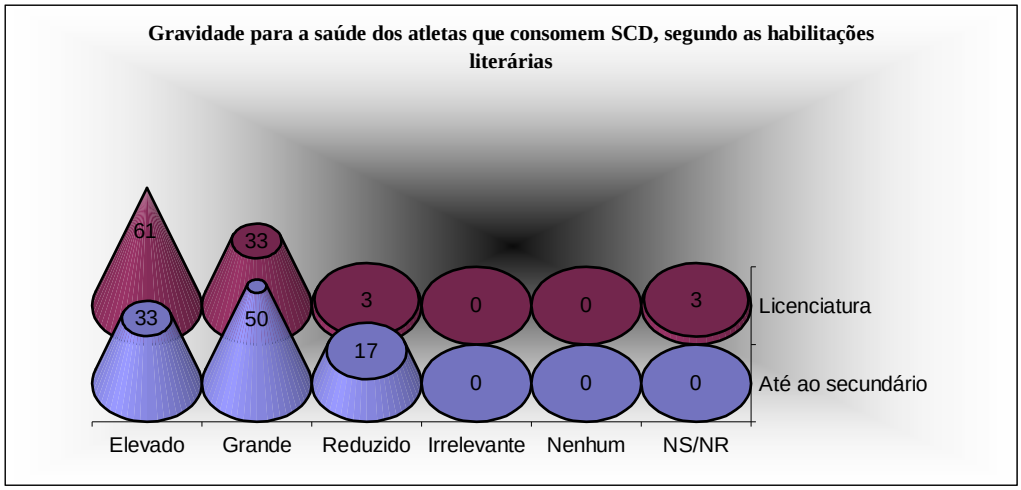
Gráfico 45



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Segundo as habilitações literárias, o risco também se encontra entre o elevado e o grande. Os licenciados mencionam com 61% que é elevado e os atletas que se encontram até ao secundário afirmam que é grande (v. gráfico 46).

Gráfico 46



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

A maioria dos inquiridos considera que o risco para a saúde do consumo de SCD é elevado (51%). Apenas 8% considerou reduzido e 2% não se pronunciou. Quanto aqueles que manifestam uma opinião de que o consumo SCD tem uma gravidade reduzida para a saúde, encontramos proporcionalmente os mais velhos, e os masculinos e os até ao secundário.

3.2. Atitudes éticas

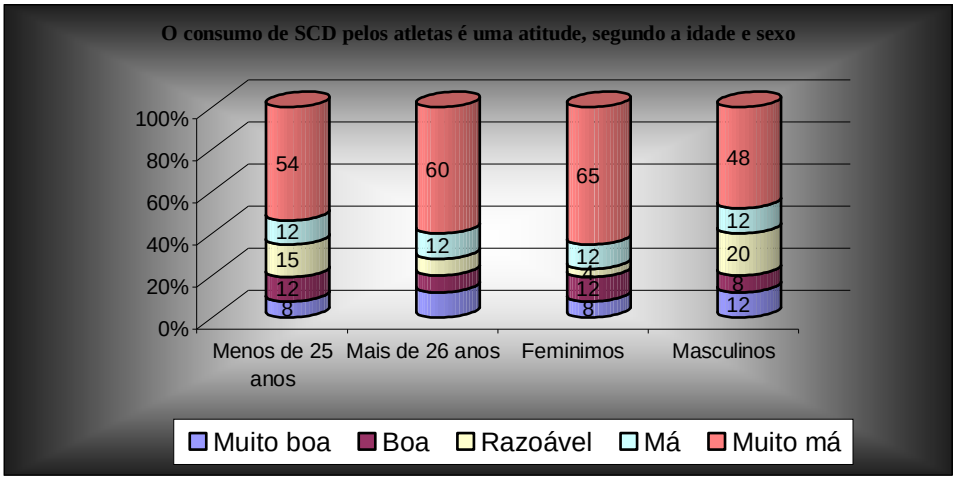
Verifica-se que na opinião dos atletas o consumo de substâncias consideradas dopantes é uma atitude muito má, como seria de esperar, conforme tabela 8. Por outro lado seria de salientar que 20% dos inquiridos afirma que a atitude é muito boa e boa, 10% para cada categoria.

Tabela 8 – O Consumo de SCD pelos Atletas é uma Atitude

	Total
Muito boa	10
Boa	10
Razoável	12
Má	12
Muito má	57
Total	100
	N=51

Independentemente da idade e do sexo, a atitude de consumir substâncias dopantes é muito má. Não se registando diferenças significativas ao muito boa e boa (v. gráfico 47).

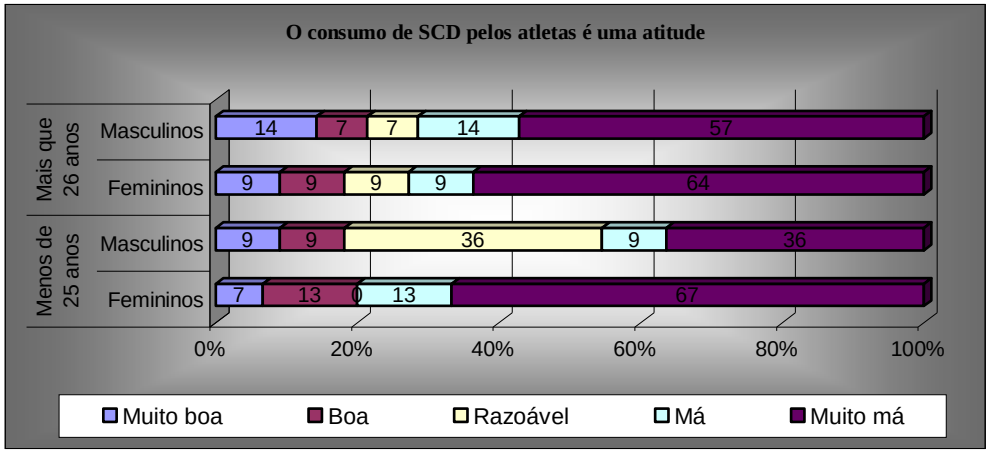
Gráfico 47



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Conforme o gráfico 48, a atitude de consumir substâncias ilícitas é sempre muito má, apesar de os atletas novos também terem respondido com a mesma percentagem que é uma atitude razoável. Também neste caso não se verifica diferenças de atitude face ao CSD ser muito boa e boa.

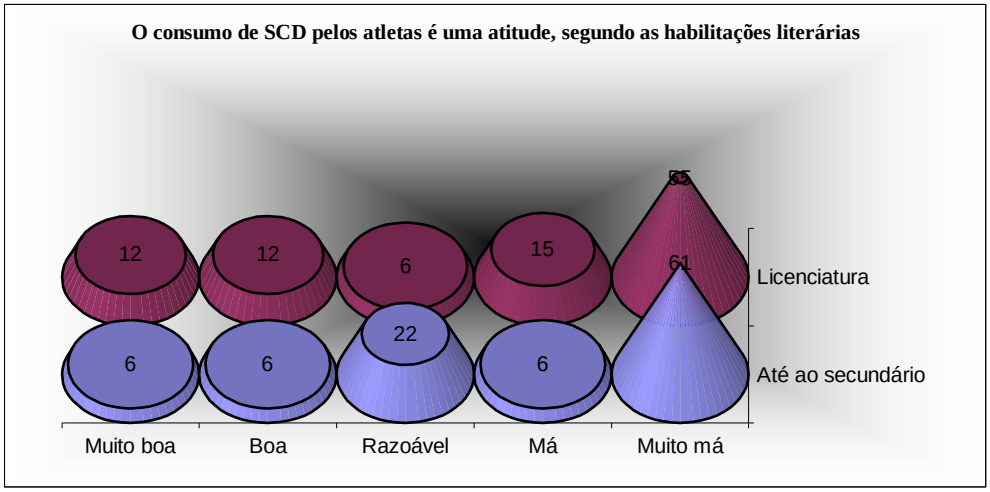
Gráfico 48



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Continua-se a constatar que a atitude de CSD pela maioria dos inquiridos é muito má, independentemente das habilitações literárias (v. gráfico 49).

Gráfico 49

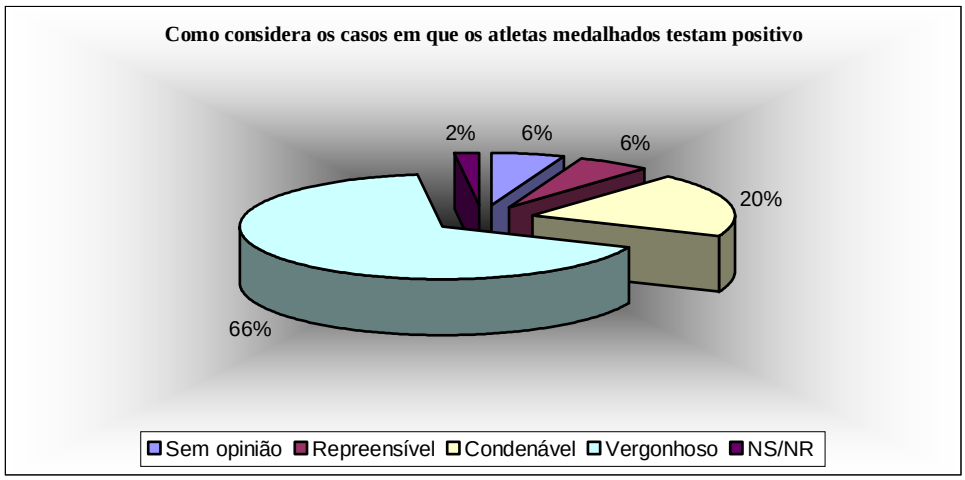


Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

A maioria considera que o consumo de SCD é uma atitude muito má e má (65%), muito boa e boa (20%) e razoável (12%). No conjunto dos mais favoráveis à dopagem encontramos proporcionalmente os masculinos e os mais velhos. Não havendo influencia de acordo com as habilitações literárias.

O consenso é quase unânime com 66%, ser vergonhoso os atletas medalhados testarem positivo, conforme gráfico 50.

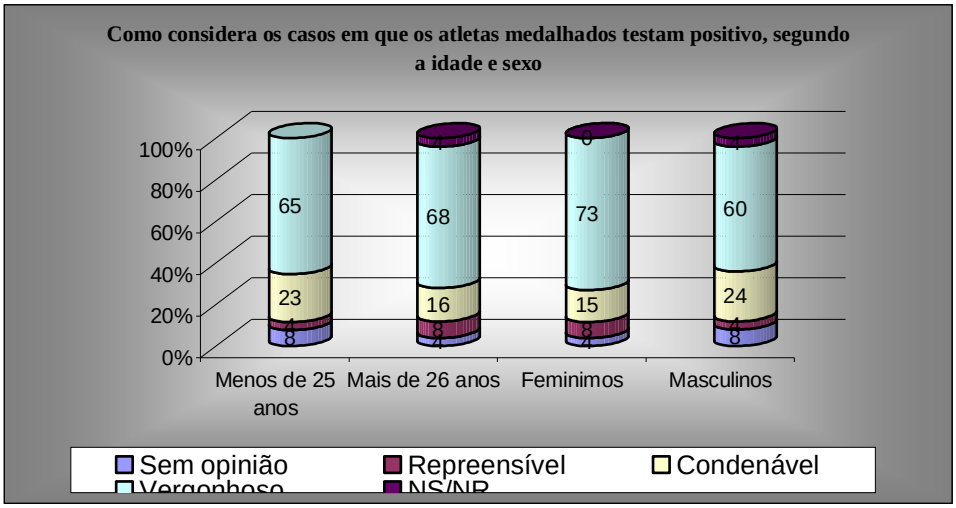
Gráfico 50



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Também, independentemente da idade e do sexo, quase todos os atletas mencionam que é vergonhoso os atletas medalhados testarem positivo (v. gráfico 51).

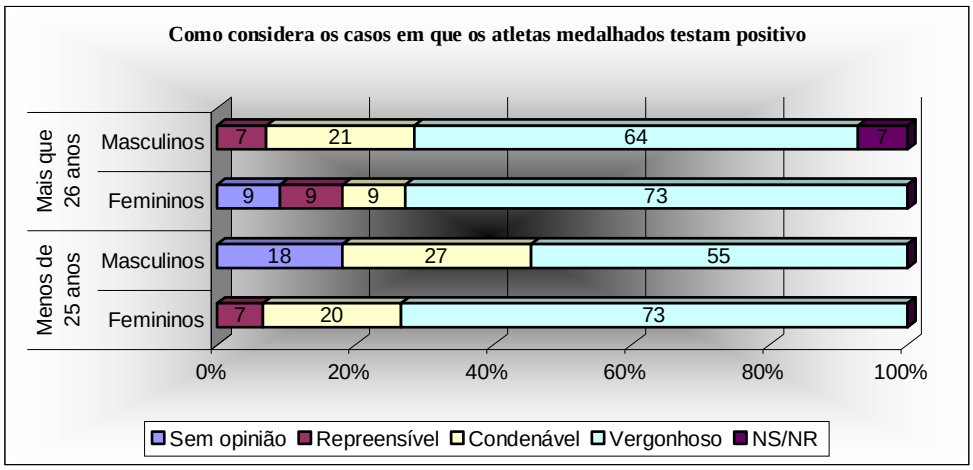
Gráfico 51



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Mais uma vez se comprova que é vergonhoso os atletas medalhados testarem positivo, independentemente da idade e do sexo, no entanto haverá que referir que 18% dos masculinos jovens e 9% dos femininos mais velhos responderam “sem opinião”.

Gráfico 52



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Independentemente das habilitações literárias, os inquiridos mencionam ser vergonhoso os atletas medalhados testarem positivo, tabela 9. Sendo que é até ao secundário que se verifica a escolha "sem opinião".

Tabela 9 – Como Considera os Casos em que os Atletas Medalhados Testam Positivo, segundo as Habilitações Literárias

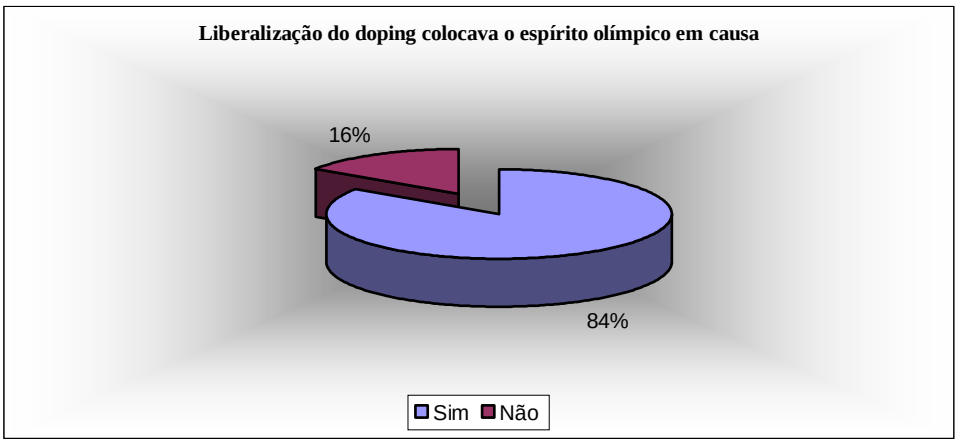
	Até ao secundário	Licenciatura	Total
Sem opinião	17	-	6
Repreensível	-	9	6
Condenável	22	18	20
Vergonhoso	56	73	67
NS/NR	6	0	2
Total	100 N=18	100 N=33	100 N=51

A maioria dos considera vergonhoso os atletas medalhados consumirem SCD, sendo que 6% não se pronunciou. No conjunto dos sem opinião encontramos proporcionalmente, os masculinos, os mais novos e os atletas até ao secundário.

3.3. Opinião sobre a liberalização versos proibição

A liberalização do doping colocava sem dúvida o Espírito Olímpico em causa, conforme se pode constatar no gráfico 53.

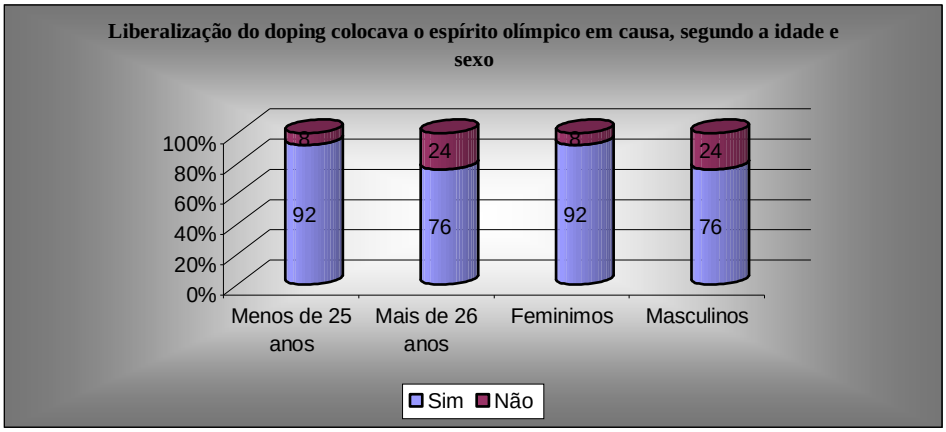
Gráfico 53



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Independentemente da idade e sexo, o Espírito Olímpico seria posto em causa com a liberalização do doping (v. gráfico 54).

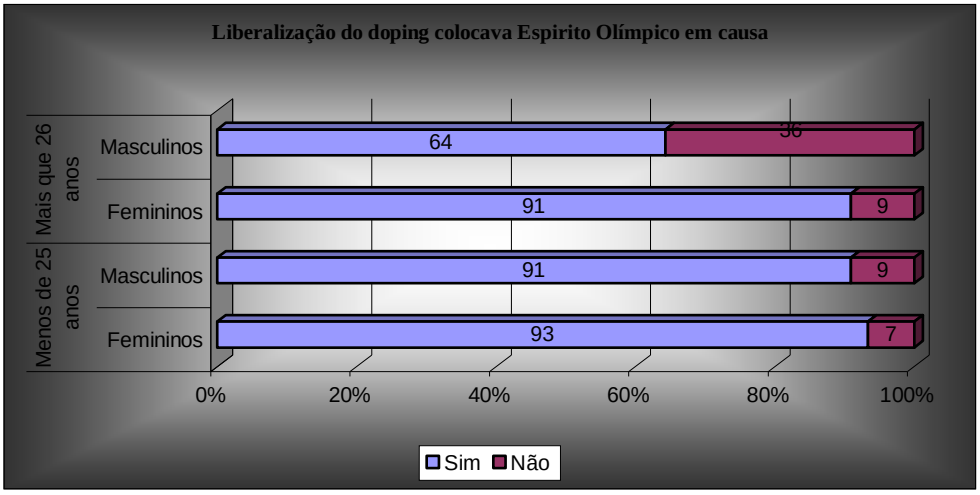
Gráfico 54



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Verifica-se novamente no gráfico 55, que a liberalização do doping seria prejudicial para o Espírito Olímpico. Embora os atletas mais velhos com 36% mencionam que não seria posto em causa.

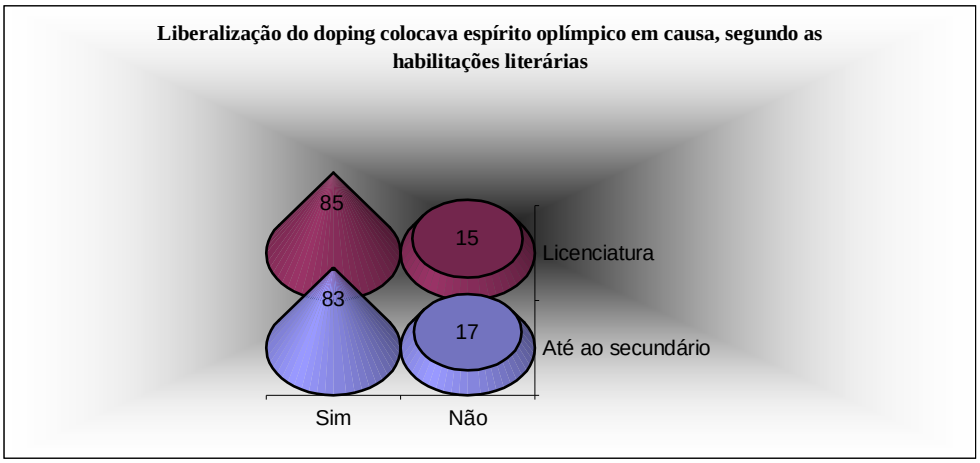
Gráfico 55



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Relativamente às habilitações literárias, continua-se a averiguar que a liberalização do doping colocaria o Espírito Olímpico em causa, concordante com o gráfico 56.

Gráfico 56

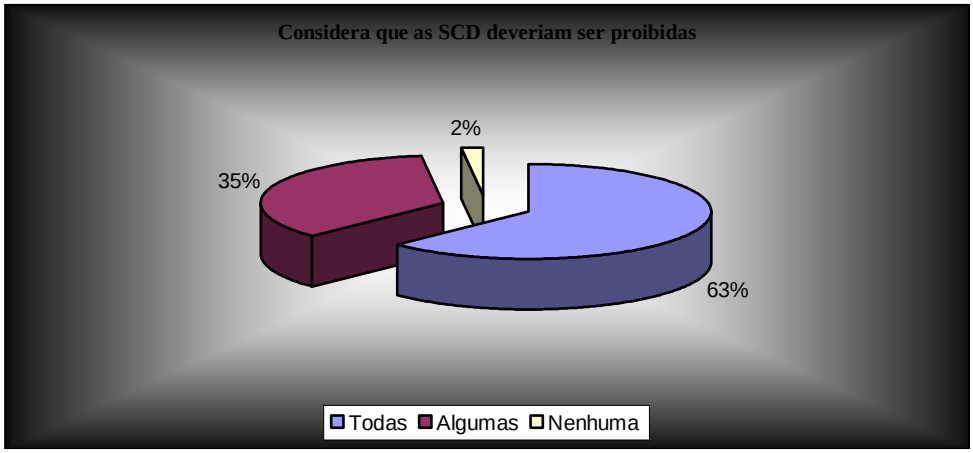


Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Podemos afirmar que a maioria dos atletas considera que a liberalização da dopagem colocaria o espírito olímpico em causa. No entanto 16% dos inquiridos da nossa amostra não considerou. Foram proporcionalmente os masculinos mais velhos a manifestar mais favorável à dopagem (36%), não se tendo verificado diferenças face às habilitações literárias.

Constata-se através do gráfico 57, que a maior parte dos atletas cita que as substâncias consideradas dopantes deveriam ser todas proibidas.

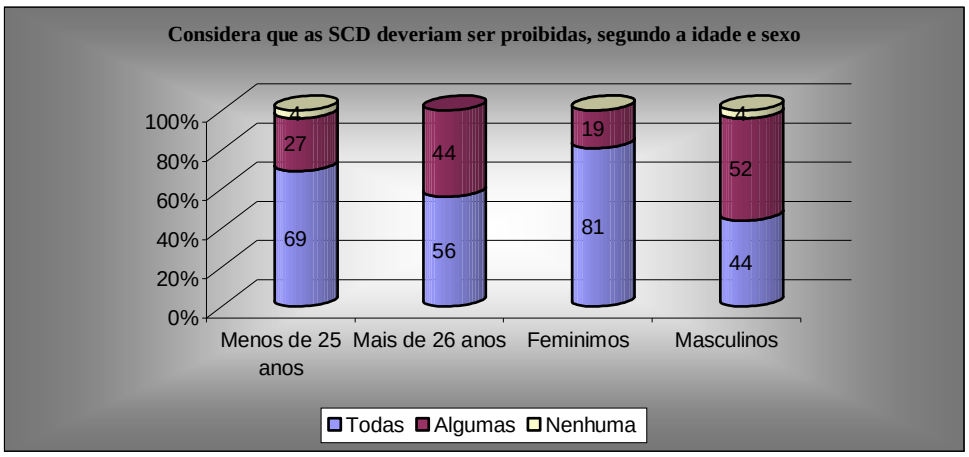
Gráfico 57



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Independentemente da idade todas as substâncias consideradas dopantes deveriam ser probidas. Aquando do sexo, os masculinos referem que só algumas (52%), é que deveriam ser proibidas (v. gráfico 58).

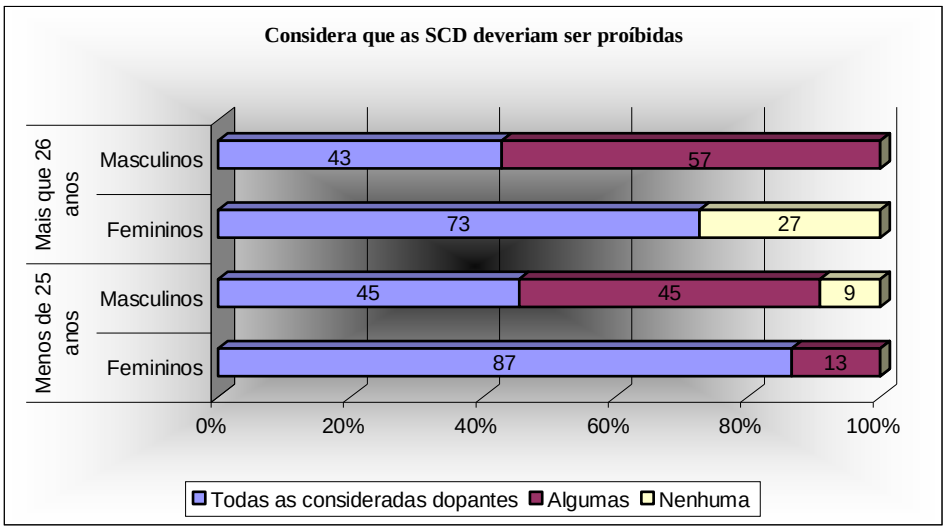
Gráfico 58



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

É nos atletas masculinos mais velhos que a tendência continua, relativamente à proibição de apenas algumas substâncias. Os masculinos mais novos estão divididos entre todas e algumas substâncias a serem banidas. Sendo nas atletas femininas, que mais citaram que todas deveriam ser proibidas (v. gráfico 59).

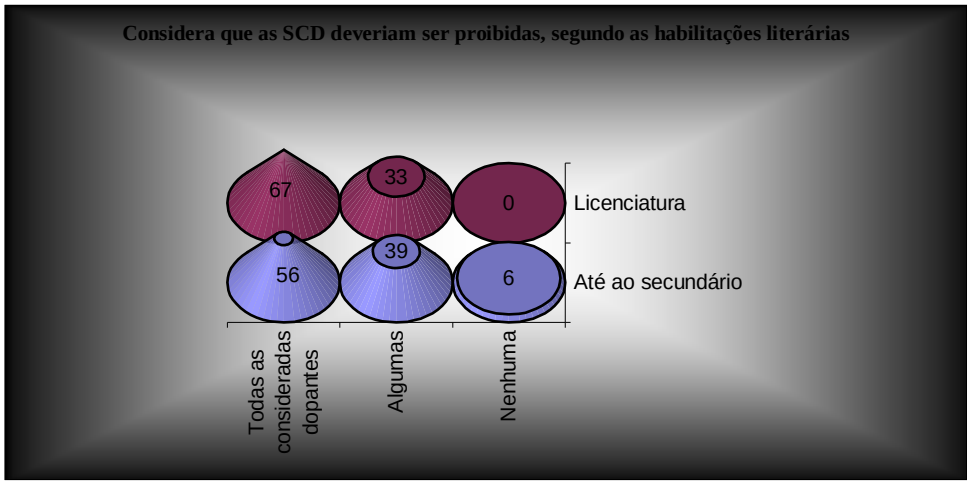
Gráfico 59



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

Independentemente das habilitações literárias, todas as substâncias dopantes deveriam ser proibidas. Mas é nos atletas que se encontram no secundário que com 6% indicam que nenhuma deveria ser proibida.

Gráfico 60



Fonte: Inquérito relativo à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem

A maioria dos inquiridos considera que todas as SCD deveriam ser proibidas (63%), no entanto 35% afirmou que só algumas e 2% não se pronunciaram. No conjunto dos inquiridos mais favoráveis à liberalização 57% dos atletas masculinos mais velhos e até o secundário afirmaram que só algumas deveriam ser proibidas.

3.4. Apontamento conclusivo

Com a terceira hipótese levantada, pretendíamos saber, se os atletas consideram a dopagem nociva à saúde, e assim sendo, se manifestariam uma opinião contrária à liberalização do seu consumo, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

A maioria dos atletas considera de elevada gravidade para a saúde o consumo de SCD, independentemente da idade, do sexo e das habilitações literárias. Apenas naqueles que consideram reduzidos os efeitos nocivos para a saúde, se encontram, proporcionalmente, os mais velhos, os masculinos, e os até ao secundário. Como Gomes Pereira (1997), refere, os malefícios para a saúde resultantes do uso de SCD não se tem revelado suficientemente eficaz, embora acredite que o conceito de dopagem poderá estar para além dos eventuais malefícios.

O consumo de substâncias ilícitas pelos atletas, é considerado pela maioria dos nossos inquiridos uma atitude "muito má". Também para estes, é "vergonhoso" os atletas medalhados testarem positivo, independentemente da idade, do sexo e das habilitações literárias. No entanto, encontram-se 20% a afirmar que a atitude é "muito boa ou boa". Nestes, proporcionalmente, encontram-se os masculinos mais velhos e até ao secundário. A opinião da maioria dos inquiridos vai ao encontro de Lipovetsky (1994), quando refere que a ideia de moral individual não desapareceu completamente, e que o doping é uma mentira e uma deslealdade, pois impede a igualdade das oportunidades dos adversários, não sendo assim uma atitude desportiva.

Para a maioria dos atletas inquiridos, a liberalização do doping colocaria o Espírito Olímpico em causa, independentemente da idade, do sexo e das habilitações literárias o que vai ao encontro da hipótese em discussão. Também a maior parte dos atletas considera que as SCD deveriam ser proibidas.

Exceptuando alguns atletas masculinos mais velhos que referem que só algumas o deveriam ser, todos os outros independentemente da idade e do sexo mencionam que todas elas deveriam ser proibidas. As conclusões vão assim ao encontro do que é afirmado por Lipovetsky (1994), quando refere, que os argumentos da liberalização das SCD têm como objectivo a liberalização uma completa igualdade de oportunidades mas com sérios prejuízos para saúde, donde será melhor a sua proibição. De facto, a liberalização não constitui em nada uma solução, pois perverteria o ideal do Espírito

Olímpico, donde apenas poderá ser admitida como hipótese meramente académica e pouca aceitável em termos práticos.

Resumindo, os atletas consideram a dopagem nociva para a saúde, e a atitude de quem a faz como sendo “muito má”, mostrando-se contra a liberalização do doping, independentemente da idade, do sexo e das habilitações literárias. No entanto, para 35% só algumas substâncias deveriam ser proibidas. No conjunto dos atletas que apresentam opinião mais favorável, encontram-se os masculinos mais velhos como já referimos.

Ainda que a maioria da nossa amostra seja contrária à dopagem, encontramos uma pequena parcela, que não só, não considera que existe grande malefício para a saúde, como se manifesta mais favorável à liberalização de algumas substâncias. Estas opiniões parece irem ao encontro de um estudo realizado sobre atletas de alto nível, onde a maioria terá respondido que tomaria uma substância que lhe permitisse obter um recorde do mundo, ainda que soubesse que isso acarretaria danos para a sua saúde e encurtaria a vida (Pereira, 1997). Para quem conhece o desporto de competição, este tipo de revelação não espanta, pois o cerne da questão coloca-se não na interdição ou legalização, mas sim nas pressões que são exercidas sobre os atletas. Contudo, na nossa investigação esta opinião não se revelou maioritária.

Conclusões

CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho procurámos averiguar em que medida o doping é uma prática corrente entre os atletas de elite. Com base nos contributos dos autores referidos no Capítulo I, elaborámos a nossa problemática, elegendo como objecto de estudo, que as pressões exercidas pelos vários agentes desportivos junto dos atletas de elite são determinantes no recurso a meios ilícitos com vista ao aumento da performance, ainda que os melhores resultados sejam procurados por todos, e deste modo tenderem a desresponsabilizar os atletas que recorrem ao doping. Como hipóteses de trabalho, considerámos que a decisão do uso de substâncias dopantes, não partiria na maior parte dos casos do consentimento dos atletas, ainda que a maioria destes pudesse colaborar sem imposição, em especial os atletas com menores habilitações literárias e independentemente da idade e do sexo; que os atletas considerariam que as razões para o uso de substâncias dopantes são determinadas pela procura da vitória, e que são favoráveis às sanções aplicadas, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade; e por último, pretendeu-se saber se os atletas consideram a dopagem nociva à saúde, e assim sendo, se manifestam uma opinião contrária à liberalização do consumo, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

No Capítulo II, elaboramos a metodologia, que nos serviu para testarmos as hipóteses através da definição das variáveis, a fim de podermos elaborar o inquérito por questionário que serviu de base à nossa investigação, intitulado de "Inquérito à Opinião dos Atletas de Lançamentos de Alta Competição sobre a Dopagem". A escolha deste tema, ficou-se a dever ao facto de ser atleta de alta competição no lançamento de martelo, e por me parecer que existem injustiças demais nesta temática.

Durante a realização do Challenger Europeu de Lançamentos, na Turquia, durante os dias 12 e 13 de Março de 2005, os questionários foram entregues e preenchidos pelos atletas. Tendo sido a amostra constituída por 51 atletas de 12 países diferentes. Os dados foram tratados em computador com a ajuda de software específico para o efeito, designado por SPSS 10.0 for Windows.

No Capítulo III, encontram-se as conclusões a que chegámos, através da análise e discussão dos resultados recolhidos junto do nosso universo de análise. Segundo a opinião da nossa amostra, o uso de substâncias dopantes não partirá do consentimento dos atletas, e a maioria não colaboraria mesmo em tais actos. Apenas uma pequena parte dos inquiridos nos afirmou que colaboraria na aceitação do conselho do treinador para o

uso de substâncias consideradas dopantes. Assim sendo, a nossa primeira hipótese apenas se confirmou em parte.

Nas razões mais apontadas no consumo de SCD, encontram-se o aumento da performance e a vitória, embora a maioria dos atletas não seria levado a consumir CSD para alcançar uma medalha, segundo as suas opiniões. Também a maioria das opiniões é favorável às sanções existentes e contrária à sua liberalização, reconhecendo os malefícios para a saúde que advêm do consumo de SCD. No entanto, ainda que a maioria da nossa amostra seja contrária à dopagem, encontramos uma pequena parcela, que, não só, não considera que existe grande malefício para a saúde, como se manifesta mais favorável à liberalização de algumas substâncias.

Para quem conhece o desporto de competição, este tipo de revelação não espanta, pois o cerne da questão coloca-se não na interdição ou legalização, mas sim nas pressões que são exercidas junto dos atletas, e que de resto foram identificadas pelos atletas inquiridos da nossa amostra. Podemos assim concluir, que as nossas hipóteses foram na sua maioria confirmadas, e que os resultados obtidos vieram ao encontro dos autores com trabalhos sobre esta problemática.

Cessando assim a minha investigação, os dados obtidos sugerem, que as pressões exercidas pelos vários agentes desportivos junto dos atletas de elite, são em parte determinantes no recurso a meios ilícitos com vista ao aumento da performance, ainda que os melhores resultados sejam procurados por todos, e deste modo se tender a desresponsabilizar os atletas que recorrem à dopagem.

Desta forma, pensamos que as conclusões foram afectadas pelo tema em análise, dado não ser fácil obter opiniões sobre uma prática que é proibida, também, talvez por isso, não ter conseguido obter a colaboração dos atletas do nosso universo de análise em número suficiente, de modo a ter uma amostra representativa. No entanto, o número de respostas obtidas permitiu-nos discutir as nossas hipóteses e desenvolver um trabalho exploratório de aprofundamento do objecto de estudo definido, com base de recolha de informação suficientemente abrangente para as exigências deste tipo de investigação.

Para futuros trabalhos nesta área de estudo, recomendamos que o inquérito à aplicar, se torne o mais impessoal possível, em que o perfil dos atletas não posso ser reconhecido, (por exemplo, não colocar a nacionalidade).

B ibliografia

BIBLIOGRAFIA

- ☑ AAVV (1998). *Rendimiento Humano en Atletismo: Límites y Posibilidades.* Editorial Gymnos.

- ☑ Coakley, Jay & Dunning, Eric (2000). *Sports Studies.* London: Sage.

- ☑ Dunning, Eric (1992) "A Dinâmica do Desporto Moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto", in Norbert Elias, *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.(pp. 299-326).

- ☑ Duret, Pascal (2001). *Sociologie du Sport.* Paris: Armand Colin.

- ☑ Elias, Norbert (1992). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.

- ☑ Ferrando, Manuel G. (1990). *Aspectos Sociales Del Deporte.* Una reflexión Sociológica. Madrid: Alianza Deporto.

- ☑ Gordillo, António (2000). *Dopaje y Deport: Antecedents y Evolution.* Las Palmas: Universidad de Las Palmas de Gram Canárias, Servicio de Publications.

- ☑ Hoberman, J. and Moller, V. (2004). *Doping and Public Policy*, Denmark: Narayana Press.

- ☑ Horta, Luís (s.d.). *Fight Against Doping in Portugal in Defence of the Athlete.* Lisboa: Secretaria de Estado do Desporto e Comité Olímpico de Portugal.

- ☑ Houlihan, Barrie (1999). *Dying to Win*, Doping in Sport and the Development of Anti-Doping Policy. Strasbourg: Council of Europe Publishing.

- ☑ Lima, J et al (2002), *Alta Competição uma Cultura de Exigências.* Lisboa: Confederação do Desporto de Portugal.

- ☑ Lipovetsky, Gilles (1994). *O Crepúsculo da Dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- ☑ Loland, Sigmund (2002). *Fair Play in Sport, a Moral norm system*. London: Routledge.

- ☑ Luschen, G. (2000), "Doping in Sport as Deviant Behaviour and it's Social Control" in Jay Coakley & Eric Dunning (2000). *Sports Studies.* London: Sage. (pp. 461 – 476).

- ☑ Marivoet, Salomé (1998). *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Livros Horizonte.

- ☑ Marivoet, Salomé (1997) "Dinâmicas Sociais nos Envolvimentos Desportivos", in. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 23:101-113.

- ☑ Moço, Ricardo (2001). *O "Doping" no Desporto, A luta Antidopagem em Portugal, o Controlo efectuado nos anos de 1998, 1999 e 2000.*, Monografia. Coimbra: FCDEF.

- ☑ Pereira, G. José (1997). "Desporto de Alta Competição: Que Fair-Play? É possível um desporto de alta competição sem dopagem?", in *Desporto de Alta Competição: Que Fair-Play? Actas – III Seminário Europeu sobre Fair-Play*, Lisboa: Livros Horizonte. (pp. 183-196).

- ☑ Pereira, Vítor (1997). "Alta Competição e Fair-Play: Realidades Antagónicas?", in *Desporto de Alta Competição: Que Fair-Play Actas – III Seminário Europeu sobre Fair-Play*. Lisboa: Livros Horizonte. (pp. 205-210).

- ☑ Quivy, Raymond. Campenhoudt, L. Van (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- ☑ Santonja G, Rafael (2002). *El Doping y Sus Alternativas.* Sin Limites.

- ☑ Serpa, Sidónio et. al. (2000/2001). *Dopagem e Psicologia*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

- ☑ Tännsjö, Torbyörn and Tamburrini, Claudio (2002). *Values in Sport*. London, E & FN Spon. (pp. 183 – 242).

- ☑ Wilson, Wayne. Derse, Edward (2001). *Doping in Elite Sport*, The Politics of Drugs ion the Olympic Movement. Champaign: Human Kinetics.

ANEXO I

INQUÉRITO RELATIVO À OPINIÃO DOS ATLETAS DE LANÇAMENTOS DE ALTA COMPETIÇÃO SOBRE A DOPAGEM

FACULDADE DE CIÊNCIAS DE DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INQUÉRITO À OPINIÃO DOS ATLETAS DE LANÇAMENTOS DE ALTA COMPETIÇÃO SOBRE A DOPAGEM

O presente questionário insere-se numa investigação que pretende aprofundar a opinião dos atletas de elite sobre o doping, realizada no âmbito do Seminário de Sociologia do Desporto da Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à conclusão da Licenciatura em Ciências do Desporto.

Encontra-se garantida a confidencialidade das respostas, sendo estes unicamente utilizados para fins científicos.

Desde já agradecemos a vossa colaboração indispensável ao presente estudo.

I.

1. Considera que o consumo de substâncias consideradas dopantes por parte dos atletas de elite é:

1. ☐ Muito frequente
2. ☐ Frequente
3. ☐ Mais ou menos
4. ☐ Pouco frequente
5. ☐ Nada frequente

2. Como considera o grau de responsabilidade dos atletas que utilizam substâncias consideradas dopantes?

1. ☐ Grande
2. ☐ Pouca
3. ☐ Nenhuma

3. Considera que o recurso ao doping se deve às pressões causadas pelos patrocínios?

1.☐ Maior parte das vezes
2.☐ Sempre
3.☐ Às vezes
4.☐ Nunca

4. Considera que as expectativas proporcionadas pelos *media* são consideradas como um meio de pressão?

1.☐ Maior parte das vezes
2.☐ Sempre
3.☐ Às vezes
4.☐ Nunca

5. Considera que o controlo anti-doping é suficiente nas competições:

	Internacional	Nacional
Sim	1.☐	3.☐
Não	2.☐	4.☐

6. Na sua opinião, as sanções advindas dos resultados positivos dos testes são:

1.☐ Muito leves
2.☐ Leves
3.☐ Justas
4.☐ Pesadas
5.☐ Muito pesadas

7. Considera que estas sanções constituem uma limitação à utilização de substâncias consideradas dopantes?

1.☐ Sim
2.☐ Não

8. Na sua opinião quais são as principais razões que justificam a utilização de substâncias consideradas dopantes por parte dos atletas:

1.☐ Aumento da performance

2.☐ Auto – Confiança

3.☐ Pelo facto dos outros consumirem

4.☐ Vitória

5.☐ Outra. Qual? _____ Cód. _____

9. Se o seu treinador o/a aconselhasse a consumir substâncias consideradas dopantes, para uma prova onde estaria presente o controlo anti-doping, que posição tomaria?

1. ☐ Aceitava o conselho do treinador

2.☐ Recusava o conselho do treinador

10. Se numa prova soubesse que não iria estar presente o controlo anti-doping, e o seu treinador o/a aconselhasse a consumir substâncias consideradas dopantes, que posição tomaria?

1. ☐ Aceitava o conselho do treinador

2.☐ Recusava o conselho do treinador

11. Já alguma vez foi persuadido a consumir substâncias consideradas dopantes?

1.☐ Sim

2.☐ Não

12. Se o seu recorde pessoal estivesse a poucos metros ou centímetros de alcançar uma medalha num Campeonato do Mundo, poderia ser levado a consumir substâncias consideradas dopantes?

1.☐ Sim

2.☐ Não

II.

13. Na sua opinião considera que as substâncias consideras dopantes devem ser proibidas?

1. ☐ Todas consideradas dopantes
2. ☐ Algumas
3. ☐ Nenhuma

14. Na sua opinião qual o grau de gravidade para a saúde dos atletas, que advém do uso do doping.

1. ☐ Elevado
2. ☐ Grande
3. ☐ Reduzido
4. ☐ Irrelevante
5. ☐ Nenhum

15. Na sua opinião o consumo de substâncias consideradas dopantes por parte dos atletas de elite é uma atitude:

1. ☐ Muito boa
2. ☐ Boa
3. ☐ Razoável
4. ☐ Má
5. ☐ Muito má

16. Na sua opinião, se o doping fosse liberalizado, o Espírito Olímpico seria seriamente posto em causa?

1. ☐ Sim
2. ☐ Não

17. Como considera os casos em que os atletas medalhados testam positivo:

1.☐ Sem opinião

2.☐ Repreensível

3.☐ Condenável

4.☐ Vergonhoso

III.

18. Idade

1.☐ 15 – 20 Anos

2.☐ 21 – 25 Anos

3.☐ >26 Anos

19. Há quantos anos pratica a modalidade? _____ anos

20. Sexo

1.☐ Feminino

2.☐ Masculino

21. Modalidade praticada

1. ☐ Lançamento de Dardo

2.☐ Lançamento de Disco

3.☐ Lançamento de Martelo

4. ☐ Lançamento de Peso

22. Nacionalidade _____ Cód._____

23. Quais as suas habilitações literárias?

1. ☐ 4ª Classe

2.☐ 6º Ano

3.☐ 9º Ano

4. ☐ Secundário

5.☐ Licenciatura

24. Assinale apenas a competição mais importante em que participou.

1. ☐ Jogos Olímpicos
2. ☐ Campeonatos do Mundo
3. ☐ Campeonatos da Europa
4. ☐ Outro. Qual?_____ Cód._____

Obrigado pela Colaboração!

ANEXO II

QUADROS DE SPSS

QUADROS

Hipótese 1 – A decisão do uso de substâncias dopantes, não partiria na maior parte dos casos do consentimento dos atletas, ainda que a maioria destes pudesse colaborar sem imposição, em especial os atletas com menores habilitações literárias e independentemente da idade e do sexo.

Quadro 1 – Opinião sobre o consumo de SCD pelos atletas

Pergunta 1 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 1	Muito frequente		6	1	7
		Frequente		5	2	7
		Mais ou menos	1	2	4	7
		Pouco frequente		1	4	5
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 1	Muito frequente		5	5	10
		Frequente		3	6	9
		Mais ou menos		1	1	2
		Pouco frequente		1	1	2
				1	1	2
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 2 – Persuasão ao consumo de SCD pelos atletas

Pergunta 11 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 11	Sim		2		2
		Não	1	12	11	24
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 11	Sim			3	3
		Não		11	10	21
					1	1
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 3 – Poderia ser levado a consumir SCD para alcançar uma medalha

Pergunta 12 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 12	Sim		2		2
		Não	1	12	10	23
					1	1
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 12	Sim		1		1
		Não		10	14	24
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 4 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde estaria presente o controlo anit-doping

Pergunta 9 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 9	Aceitava o conselho do treinador		1	1	2
		Recusava o conselho do treinador	1	13	10	24
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 9	Aceitava o conselho do treinador			1	1
		Recusava o conselho do treinador		11	13	24
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 5 – Conselho do treinador a consumir SCD numa competição onde estaria presente o controlo anit-doping

Pergunta 10 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 10	Aceitava a conselho do treinador		3	1	4
		Recusava o conselho do treinador	1	11	10	22
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 10	Aceitava a conselho do treinador		1	2	3
		Recusava o conselho do treinador		10	12	22
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 6 – Grau de responsabilização dos atletas que utilizam SCD

Pergunta 2 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 2	Grande	1	14	7	22
		Pouca			4	4
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 2	Grande		9	11	20
		Pouca		2	2	4
					1	1
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 7 – Consumo de SCD devido a pressões dos patrocinadores

Pergunta 3 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 3	Maior parte das vezes		6	4	10
		Sempre		1	2	3
		Às vezes	1	6	5	12
		Nunca		1		1
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 3	Maior parte das vezes		4	2	6
		Sempre		1	2	3
		Às vezes		5	9	14
		Nunca		1	1	2
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 8 – Consumo de SCD pelos atletas devido a pressões dos *media*

Pergunta 4 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 4	Maior parte das vezes		4	4	8
		Sempre		1		1
		Às vezes		8	7	15
		Nunca		1		1
			1			1
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 4	Maior parte das vezes		2	2	4
		Sempre		2	2	4
		Às vezes		6	8	14
		Nunca		1	2	3
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Hipótese 2 – Os atletas consideram que as razões para o uso de substâncias dopantes são determinantes pela procura da vitória e se são favoráveis às sanções aplicadas, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

Quadro 9 – Sanções advindas dos resultados positivos

Pergunta 6 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 6	Muito leves		6	1	7
		Leves		1	1	2
		Justas	1	3	3	7
		Pesadas			2	2
		Muito pesadas		3	4	7
				1		1
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 6	Muito leves		1	1	2
		Leves		2	5	7
		Justas		4	5	9
		Pesadas		2		2
		Muito pesadas		2	2	4
					1	1
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 10 – Sanções constituem limitações à utilização de SCD

Pergunta 7 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 7	Sim	1	6	2	9
		Não		8	9	17
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 7	Sim		2	3	5
		Não		9	10	19
					1	1
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 11 – Razões para o consumo de SCD

Pergunta 8 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 8	Aumento da performance		4	1	5
		Pelo facto dos outros consumirem		2	1	3
		Vitória		3	2	5
		Outra	1	5	7	13
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 8	Aumento da performance		4	3	7
		Auto-confiança		1	1	2
		Pelo facto dos outros consumirem			1	1
		Vitória		3	1	4
		Outra		3	8	11
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Hipótese 3 – Os atletas consideram a dopagem nociva à saúde, e assim sendo, se manifestam uma opinião contrária à liberalização do consumo, independentemente das habilitações literárias, do sexo e da idade.

Quadro 12 – O consumo de SCD pelos atletas é uma atitude

Pergunta 15 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 15	Muito boa		1	1	2
		Boa		2	1	3
		Razoável			1	1
		Má	1	1	1	3
		Muito má		10	7	17
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 15	Muito boa		1	2	3
		Boa		1	1	2
		Razoável		4	1	5
		Má		1	2	3
		Muito má		4	8	12
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 13 – Liberalização da dopagem colocava o espírito olímpico em causa

Pergunta 16 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 16	Sim		14	10	24
		Não	1		1	2
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 16	Sim		10	9	19
		Não		1	5	6
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 14 – Considera que as SCD deveriam ser proibidas

Pergunta 13 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 13	Todas as consideradas dopantes	1	12	8	21
		Algumas		2	3	5
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 13	Todas as consideradas dopantes		5	6	11
		Algumas		5	8	13
		Nenhuma		1		1
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 15 – Gravidade para a saúde dos atletas que CSD

Pergunta 14 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 14	Elevado		12	4	16
		Grande	1	2	6	9
		Reduzido			1	1
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 14	Elevado		3	7	10
		Grande		7	4	11
		Reduzido		1	2	3
					1	1
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Quadro 16 – Como considera os casos em que os atletas medalhados testam positivo

Pergunta 17 * Pergunta 18 * Pergunta 20 Crosstabulation

Count

Pergunta 20			Pergunta 18			Total
			15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	
Feminino	Pergunta 17	Sem opinião			1	1
		Repreensível		1	1	2
		Condenável		3	1	4
		Vergonhoso	1	10	8	19
	Total		1	14	11	26
Masculino	Pergunta 17	Sem opinião		2		2
		Repreensível			1	1
		Condenável		3	3	6
		Vergonhoso		6	9	15
					1	1
	Total			11	14	25

Fonte: Inquérito relativo à opinião dos atletas de lançamentos de alta competição sobre a dopagem

Caracterização da Nacionalidade

Quadro 17 – Caracterização da amostra relativamente à nacionalidade

Número	Nacionalidade	Total
1	Alemanha	1
2	Croácia	2
3	Eslovénia	1
4	Espanha	6
5	França	8
6	Holanda	2
7	Hungria	3
8	Itália	6
9	Portugal	6
10	Suécia	8
11	Turquia	1
12	U.K.	7
Total		51

Quadro 18 – Comparação da idade com o tempo de carreira

Pergunta 19 * Pergunta 18 Crosstabulation

Count

		Pergunta 18			
		15 - 20 anos	21 - 25 anos	Mais que 26 anos	Total
Pergunta 19	4 - 6 anos		3		3
	7 - 9 anos		7	2	9
	10 - 12 anos		11	7	18
	13 - 15 anos	1	2	8	11
	16 - 18 anos		2	7	9
	Mais que 19 anos			1	1
Total		1	25	25	51